



...vacilar

...ver

...trabalhar

...distinguir

...ler

...recordar

...respeitar

NÃO

...querer

...ter casa

...pensar

...ir

querer

...lembrar

er lugar

ter companh

A importância de dizer

A importância de dizer *Não!*

Daniel Fernandes, 12ºB

Ao longo da vida de cada indivíduo, o ato de dizer “Não” assume extrema importância no que toca a diferentes aspetos que o afetam a si próprio e àqueles à sua volta. Por mais insignificante que este ato pareça, ele intervém em situações do dia-a-dia de cada um, influenciando o ambiente que o rodeia.

Assim, o advérbio de negação “Não” desempenha um papel crucial ao nível da formação de indivíduos, desde o início da sua vida, contribuindo para o seu desenvolvimento, estando na génese dos seus próprios ideais e atitudes.

Por exemplo, a rejeição de alguns pedidos levados a cabo por crianças aos seus pais previnem as mesmas de desenvolverem certas atitudes de carácter negativo, tais como oportunismo, manipulação e violência e, ao mesmo tempo, ensina-lhes a importância da existência de limites, mostrando que nem tudo é obtido de forma gratuita.

Por outro lado, a palavra “Não” torna-se indispensável face a certas sugestões ou pedidos de indivíduos com os quais cada um interage frequentemente, ou até de desco-

nhecidos. Por exemplo, durante alguns eventos de convívio, como é o caso das festas de receção do caloiro, torna-se essencial estipular certos limites efetuados pelo próprio indivíduo, que se refletem na recusa do consumo de certas substâncias, como drogas ou bebidas alcoólicas.

Em suma, reitero que o ato de dizer “Não” é bastante importante, na medida em que contribui para o desenvolvimento dos indivíduos e permite a manifestação da opinião própria.

Um *Não* que é fundamental

Joana Pimentel 12ºB

Durante a vida, o Homem depara-se com situações que exigem uma tomada de atitude da sua parte, testando a sua assertividade. Assim, embora a palavra “não” possua uma aceção negativa, o seu uso é vital em diversos contextos, podendo revelar-se mais benéfica do que um “sim”.

Na verdade, existem indivíduos firmes nas suas ideologias que, quando confrontados com as opções de consentir ou rejeitar algo, só se decidem depois de analisarem ponderadamente as circunstâncias. Deste modo, ao constatarem que o “não” é a melhor alternativa, dizem-no convictamente, sem receio. Um exemplo paradigmático desta estirpe social é Barack Obama. Tal facto confirma-se pela sua

atitude de rejeição ao apelo do envio de tropas para a Síria, em consequência dos atentados terroristas recentes. Numa entrevista, o líder norte-americano frisou que forças militares no terreno poderiam eliminar o Estado Islâmico temporariamente, porém, a estratégia seria ineficaz a longo prazo, porquanto ocorreria uma repetição dos ataques. Ora, daqui se depreende que a sua negação preveniu consequências desastrosas que adviriam da sua anuência.

Por outro lado, caso alguém não utilize o advérbio “não” em determinadas situações, por estar inseguro das suas convicções ou ter medo da reação de outrem, compromete o seu bem-estar. Efetivamente, estas pesso-

as não estabelecem limites e cedem a manipulações, perdendo o controlo da própria vida. Atente-se no caso mediático de Ana Eloísa, caloiira farense que foi hospitalizada, num estado de embriaguez profunda, no passado mês de setembro. Visando a sua integração no ambiente académico, submeteu-se a uma praxe que implicava o seu enterro na areia e o consumo de bebidas alcoólicas. De facto, teria sido mais sensato recusar este ritual, pois evitaria as complicações subsequentes.

Concluindo, reitera-se a relevância de dizer “Não!” na altura certa, já que esse monossílabo pode evitar aspetos negativos resultantes de um “sim” proferido sob pressão.

“O mais importante que aprendi a fazer depois dos quarenta anos foi a dizer não quando é não.”

Gabriel García Márquez

Aprender a dizer *Não!*

Maria Beatriz Gonçalves, 12ºB

O vocábulo “não”, por si só, aparenta possuir uma conotação negativa, porém, dependendo do contexto, os efeitos colaterais podem ser benéficos.

Assim sendo, segundo vários psicólogos de uma clínica psiquiátrica do Porto, a aprendizagem de dizer “não” é relevante para inúmeras situações da vida, porque, nem sempre é oportuno concordar ou aceitar aspetos ou propostas que surgem ao longo da nossa existência, como nos casos de manipulação e chantagem emocional ou de mal-estar físico. Deste modo, é necessário saber estabelecer limites, encontrando um equilíbrio entre o aceitá-

vel e o recusável. Pode-se verificar isto através do estudo realizado pelo Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, no qual se conclui que “Uma criança sem disciplina é uma criança que não se sente amada”.

Adicionalmente, existem consequências positivas, para além das do argumento anterior, que enfatizam a importância de pronunciar “não”. Para o desenvolvimento de um jovem há diversas vantagens, sem chegar ao ponto de ser abusivo. Ensina a necessidade de existirem barreiras, sabendo distinguir o bom do mau, prevenindo complexos de su-

perioridade e muito mais. Um caso paradigmático é o de Alexandra Gonçalves, ex-aluna de escola Secundária Abade Baçal, que confirma que o facto de os seus pais não a terem deixado realizar uma viagem no décimo primeiro ano, durante a época de exames, deteve um enorme valor educacional para a correta formação do seu carácter, pois tornou-a mais consciente das suas prioridades.

Em suma, reitero que o Não apresenta grande relevância em numerosas situações, não devendo o seu valor ser menosprezado.

Estabelecer limites

Patrícia Galhardo, 12ºB

Talvez haja quem pense que dizer NÃO é algo desagradável e que quem o faz é egoísta e não se importa com a situação dos demais. Porém, em alguns momentos, é necessário estabelecer limites e não ceder sempre. Sendo assim, é relevante ter consciência de que é importante aprender a dizer NÃO.

Com efeito, na educação infantil, é indispensável saber dizer NÃO, pois não se é um melhor educador se se for demasiado condescendente. Exemplo

disso é uma criança à qual não são impostas regras e que não conhece os seus limites, que terá tendência a tornar-se pretensiosa, oportunista, violenta e com falta de autonomia: Assim, a negação estimula a valorização e o reconhecimento do carinho e atenção dispensados aquando do cumprimento da regra.

Deste modo, o ato de dizer NÃO favorece a nossa autoestima. Uma pessoa que aceite fazer alguma coisa apenas para

satisfazer alguém fica mal consigo própria, uma vez que sente não ter carácter suficiente para negar algo. Assim, a negação é algo essencial para estarmos satisfeitos interiormente.

Em suma, reitero que em alguns momentos é necessário estabelecer limites e não ceder sempre, e é importante ter consciência de que é relevante aprender a saber dizer não.

Para quem não consegue dizer não, a vida torna-se um malabarismo diário. Tal como os artistas de circo estão focados em manter no ar, em movimento, todas as bolas que lhes passaram. Mas o espetáculo não pode durar eternamente e, inevitavelmente, algumas delas vão acabar por cair. Ou todas.

Sofia Teixeira

NÃO

Nãos que mudaram da história

Catarina Figueiredo, 12ªA

Ao longo da História da Humanidade a importância do “não” na vida das sociedades tem vindo a aumentar, tal como o número de pessoas que o proferem para pôr um termo a todo o tipo de injustiças que são provocadas pelas pessoas que possuem cargos importantes na hierarquia social.

Com efeito, poderia começar por referir e justificar que o “não” influencia o desenvolvimento e formação de personalidade de um indivíduo, no entanto isso é o que ouvimos no nosso dia a dia: “diz “não” às drogas”, “diz “não” ao álcool”, “diz “não” ao gasto excessivo”. Este tipo de negação diária é essencial, mas penso que todos somos minimamente conscientes da sua importância.

O tipo de “não” que eu quero acordar na memória de todos é o “não” histórico: o “não” à escravidão, o “não” à guerra”,

o “não” à desigualdade de géneros”. Estes são os “nãos” que levantaram gerações inteiras dos seus lugares para os fazer sair à rua em protestos que defendiam a liberdade e a paz. Estes foram os “nãos” que levaram à morte de pessoas que fariam toda a diferença nas nossas mentalidades por defenderem aquilo em que acreditavam: Abraham Lincoln, assassinado no Teatro Ford por dizer “não” à escravidão; Mahatma Gandhi, assassinado antes de um discurso, ao qual iriam assistir milhares de pessoas, por dizer “não” à violência; 123 mulheres, presas e queimadas numa fábrica de têxteis, em Nova Iorque, por defenderem o seu direito a boas condições de trabalho.

Todas estas acções de carácter revolucionário apenas causaram impacto nas sociedades devido aos seus lamentáveis finais. A evolução do dizer “não”

tem-se centrado nisso, no seu final, que, nos dias que correm, não é tão trágico, ainda que a ação seja impactante: Malala, disse “não” à negação de educação às raparigas, em certas culturas, e continua a lutar por isso; Woodstock, toda uma revolução pacífica em defesa da paz que acabou bem.

Estes são os “nãos” que devemos defender e imortalizar na nossa história. São estes os quais devemos seguir e proteger nas nossas memórias. Estes são os “nãos” que tornaram e tornarão o mundo num sítio melhor para todos e que serão as histórias que contaremos às gerações futuras, dizendo: “Eu estava lá! E acreditava naquilo que defendia!”.

Moderação e ponderação

Francisco Gonçalves, 12ªB

A palavra “não” é usada em todas as linguagens existentes e é considerada o antónimo do termo “sim”, ambos frequentemente utilizados no dia a dia de um indivíduo em diversos diálogos.

Assim sendo, embora as duas palavras estejam ao dispor de qualquer pessoa para as usar, grande parte da população mundial confirma recorrer com mais frequência ao termo “sim” do que ao “não”. Tal ideia reflete-se na assertividade, ou falta dela, de um indivíduo, o que o levará a realizar determinadas ações que não deseja. Embora tal possa acontecer diariamente, sem ser demasiado prejudicial, com colegas de trabalho, amigos e até familiares, existem certos casos graves deste tipo de comporta-

mento que levam à chantagem, considerado um ato criminoso, em que o chantagista promete algo a um indivíduo desde que este realize determinadas ações ou se comporte de certa forma. Geralmente, estes casos ocorrem àqueles indivíduos que têm pouca confiança em si próprios e que, não tendo força para recusar algo a alguém, se tornam alvos fáceis de chantagem.

Por outro lado, um indivíduo não deve constantemente rejeitar pedidos ou favores de amigos ou familiares, podendo isso levar a um afastamento emocional dos mesmos. Embora dificilmente seja chantageado, este será assombrado pela sua solidão. Deste modo, deverá existir um equilíbrio entre os dois extremos, “sim” e

“não”, cabendo ao indivíduo reconhecer quando deve aceitar ou recusar uma proposta, tendo em conta as consequências de tal ato. Note-se, por exemplo, o caso de um pai ou de uma mãe que, face aos pedidos incessantes do seu filho, consideram aqueles dignos de serem aceites e que constituem vantagens para a criança, ao contrário de certos caprichos que, embora possam ser igualmente aceites para a satisfação da mesma, não devem ser sobrevalorizados.

Em suma, reitero que é fundamental uma pessoa saber dizer “não”, contudo não abusando do mesmo, de forma a estabelecer um equilíbrio entre “sim” e “não”, permitindo que tal se reflita na sua personalidade.

Vozes de protesto

Marta Genésio

“A música é a arte que exprime o inexprimível, que diz o inefável, a voz primordial do homem. Tanto a intimidade do eu como a infinitude do universo se exprimem na música como em nenhuma outra arte.”

Vitor Aguiar e Silva

Tal como afirma Victor Aguiar e Silva, a música é utilizada como forma de protesto, de denúncia de problemas pessoais e sociais. Este género de música designa-se por música de intervenção que engloba canções de música popular compostas com o objectivo de chamar a atenção do ouvinte. Apresenta-se, então, como um estilo de música simples, direto e objetivo com o intuito de atingir uma maior mobilização das pessoas.

Em Portugal, a música de intervenção também designada de “canção dos homens livres” e “canção de partidários” surge no processo de revolução nos anos 40 onde se criticava, através dela, o poder e as condições sociais do povo. Foi no ano de 1945 que Fernando Lopes-Graça face a este descontentamento, compõem o seu primeiro caderno de “Canções Heróicas” com textos neo-realistas de autores como José Gomes Ferrei-

impediu Lopes-Graça de compor mais obras semelhantes. Uma das “Canções Heróicas” intitulada “Jornada” com letra de José Gomes Ferreira foi o Hino do Movimento de Unidade Democrática :

“Solo
Não fiques para trás, ó
companheiro
É de aço esta fúria que
nos leva.
Para não te perderes no
nevoeiro,
Segue os nossos cora-
ções.”

Nos anos sessenta foi em Coimbra que compositores como José Afonso e Adriano Correia de Oliveira fizeram uma música assente na realidade social e numa intervenção politico-cultural.

Já no golpe de estado, em 24 de abril de 1974, este género musical ficou associado ao sucesso da revolução. Foi a canção “E Depois do Adeus” que serviu como primei-

ativa, embora o tema mais recorrente seja a crise económica e social. Alguns exemplos de música de intervenção são “Abstenção” de Sam The Kid, “FMI” de José Mário Branco e “Liberdade” de Sérgio Godinho.

Assim, conclui-se que a música de intervenção contém interpretações incómodas de factos da vida nacional, e, por vezes, através de uma linguagem popular choca o público que a ouve. Ainda assim, devemos destacar a força incitadora e, simultaneamente, mobilizadora que esta forma de protesto pode exercer sobre as pessoas, evidenciando o seu

**“A
música
pode
mudar o
mundo
porque
pode
mudar as
pessoas.”**

Bono (U2)

carácter didáctico, a sua importância no âmbito da afirmação cultural como reforço dos princípios da cidadania.

“... devemos destacar a força incitadora e, simultaneamente, mobilizadora que esta forma de protesto pode exercer sobre as pessoas, evidenciando o seu carácter didáctico, a sua importância no âmbito da afirmação cultural como reforço dos princípios da cidadania.”

ra e Carlos de Oliveira, que se apresentou como ele próprio afirma “uma arma pacífica mas não inocente, ao serviço da nossa oprimida grei.”

Este caderno foi publicado no ano de 1946, sob o título “Marchas, danças e canções próprias para grupos vocais ou instrumentais populares”, sendo imediatamente apreendido pela Censura, o que não

ra senha para o avanço das tropas. O sinal efetivo de saída dos quartéis, posterior a este, foi a emissão, pela Rádio Renascença, de “Grândola, Vila Morena”, de Zeca Afonso.

Atualmente, músicos de renome como Sérgio Godinho e Jorge Palma que sempre fizeram das suas músicas uma forma de protesto, continuam com uma intervenção



Abraham Lincoln (16º Presidente dos Estados Unidos) foi o responsável pela abolição da escravatura nos Estados Unidos e realizou algo ainda mais difícil do que dizer “não”. Lincoln conseguiu chamar grande parte do seu país à razão, fazendo-o perceber que a escravatura não só era algo desumano como moralmente errado e algo que não deveria existir num país como os Estados Unidos da América. No entanto, nem todos partilhavam desta opinião e antes da tomada de posse de Lincoln, em 4 de março de 1861, sete estados escravistas com economias baseadas na produção de algodão formaram a Confederação e opuseram-se à abolição da escravatura, dando assim início à guerra civil americana – Guerra de Cessação.

Abraham Lincoln é um exemplo de que devemos opor-nos ao que está errado, independentemente das consequências, pois se contrariarmos algo verdadeiramente errado, conseguiremos fazer com que o resto das pessoas vejam o nosso ponto de vista e, assim, mudar o mundo.

Gonçalo Xavier, 12ºA



Martinho Lutero, foi um monge agostiniano e professor de teologia germânico que desenvolveu uma Reforma Protestante, insurgindo-se veementemente contra diversos dogmas do catolicismo romano, contestando sobretudo a doutrina de que o perdão de Deus poderia ser adquirido pelo comércio das indulgências.

Assim, Lutero declarou, com base na sua interpretação das Sagradas Escrituras, especialmente da Epístola de Paulo aos Romanos, que a salvação não poderia ser alcançada pelo desenvolvimento de ações boas ou por quaisquer méritos humanos, mas apenas através da fé em Cristo Jesus, o único salvador dos homens, sendo gratuitamente o perdão cedido por Deus aos homens. A sua teologia desafiou a infalibilidade papal em termos doutrinários, pois defendia que apenas as Escrituras eram uma fonte confiável de conhecimento assentes na verdade revelada por Deus. Consequentemente, Lutero apresentou-se radical nas suas propostas contrárias aos judeus alemães, tendo sido inclusive considerado posteriormente um antissemita. Essas e outras de suas afirmações fizeram de Lutero uma figura bastante controversa entre muitos historiadores e estudiosos.

Inês Geraldes, 11ºA



Wangari Muta Maathai é um exemplo dessas pessoas. Vencedora de um prémio Nobel, em 2004, foi professora em várias universidades desde os Estados Unidos, à Europa, e até mesmo no seu próprio país, no Quênia.

Foi vencedora do prémio Nobel, principalmente, pela sua contribuição para o desenvolvimento sustentável, mas também se tornou conhecida internacionalmente pela sua luta persistente pela democracia e pelos direitos humanos das mulheres, representando-as em sessões de organismos internacionais, como a ONU.

Fundou um movimento que levou à plantação de 30 milhões de árvores. Uma das mais célebres frases de Wangari é: “Esta é a maneira como eu faço as coisas quando eu quero comemorar, eu planto sempre uma árvore”

Wangari foi a primeira mulher africana a receber um prémio Nobel.

Faleceu a 21 de setembro de 2011, na sua terra natal.

Nos anos anteriores à sua morte Wangari, cooperava com a ONU.

Cecília Nascimento, 12ºA



Rigoberta Menchu é uma mulher que durante a sua vida sempre foi confrontada com a injustiça, a discriminação e a exploração dos índios guatemaltecos.

Na Guatemala os índios somam mais de metade da população e vivem em situações negativas extremas. Desde o século XVI que estes povos nativos maias procuram, apesar da opressão e das sucessivas tentativas de etnocídio, manter vivas a língua, tradição e cultura dos seus antepassados.

Contudo, esta batalha pela sobrevivência étnica e cultural tem apresentado um colossal leque de vicissitudes, assente num foco de episódios violentos na segunda metade do século XX.

Consequentemente, perante este cenário dramático, Rigoberta Menchu juntou-se a um conjunto de ativistas dos direitos humanos, exilados no México, procurando o apoio da Europa para as causas dos índios de guatemaltecos

Inês Geraldes, 11ºA



Malala Yousafzai é uma rapariga única, que lutou incessantemente não cedendo às vicissitudes que constantemente a atormentavam. Esta jovem tornou-se mundialmente reconhecida pela coragem demonstrada frente aos extremistas talibãs do Paquistão, defendendo os direitos das mulheres, em especial, o direito à educação das raparigas da sua região. Nasceu em 1997, no vale de Swatt, no norte do Paquistão, uma zona onde os extremistas talibãs foram impondo, desde 2000, a sharia (lei de tradição islâmica).

Desde muito pequena, Malala foi incentivada pela família a estudar, contudo via constantemente escolas na sua região serem encerradas, o que a levou a lutar pelo seu sonho. Iniciou um trabalho árduo, que começou com a realização de um blogue, contra o encerramento de escolas nas suas regiões e pelo direito das raparigas a educação. Sofreu uma tentativa de assassinato e muitas ameaças, mas não desistiu do seu propósito e foi pessoa mais nova a ser laureada com um prémio Nobel

Inês Geraldes, 11ºA

peçoas cujo não mudou o mundo

Ao longo da história da Humanidade, houve momentos em que foi necessário que alguém dissesse “não”, opondo-se perante o que considerava errado, que alguém desafiasse ideias que estavam implementadas na mente da maioria das pessoas. Porém, apenas uma mão cheia de pessoas teve a coragem de ser esse “alguém”.

A negação de certas ações ao longo da História, ou mesmo de um simples pensamento que poderá definir a nossa forma de pensar, levou à alteração da História em si, ainda que as suas consequências imediatas nem sempre fossem as desejáveis.



Rosa Parks era uma costureira na cidade de Montgomery, nos Estados Unidos, e, na noite de 1 de dezembro de 1955, apanhou o autocarro para ir para casa, sentando-se nos lugares que estavam indicados para pessoas negras, uma vez que, nessa época, ainda se fazia essa distinção. Após três paragens, todos os lugares ficaram ocupados, ficando três pessoas de pele branca de pé, ao que o motorista lhe pediu que se levantasse, ela e mais três pessoas negras ao seu lado, para que as de pele clara se pudessem sentar. Quando Rosa se recusou a levantar, o motorista chamou a polícia e ela foi detida sob a acusação de ter violado o capítulo 6, seção 11 da lei de segregação do código da cidade de Montgomery, apesar de ela não se ter sentado num assento reservado para brancos. Saiu em liberdade no dia seguinte, pois o presidente de uma sede local, Edgar Nixon, pagou-lhe a fiança. Nixon e outros ativistas de direitos civis decidiram usar o caso de Parks para chamar a atenção do público a fim de encerrar a segregação racial nos Estados Unidos. Os mais de 40 mil usuários negros de autocarros da cidade e arredores prosseguiram com um boicote de 381 dias contra esse tipo de distinção racial nestes transportes públicos, organizado pelo Pastor daquela igreja Batista, Martin Luther King Jr. Esta segregação acabou por ser banida.

Rosa Parks tornou-se um ícone do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Nos anos 60, continuou a sua luta como ativista dos direitos dos negros e participou em diversas iniciativas e marchas pela igualdade. O seu ato granjeou-lhe, contudo, graves dificuldades a nível pessoal, pois, em 1957, além de ter perdido o emprego e de não conseguir arranjar outro, recebeu ameaças de morte, ainda teve de se mudar para Detroit, com o seu marido Raymond, devido à animosidade da cidade para com a sua pessoa.

Em 2002, já viúva e a viver com grandes dificuldades financeiras foi despejada de sua



Aristides Sousa Mendes diplomata português que ficou conhecido por salvar mais de trinta mil judeus, quando se encontrava em Bordéus, onde era cônsul, que tentavam fugir ao terror nazi, durante a Segunda Guerra Mundial, emitindo de forma compulsiva vistos de entrada em Portugal, embora isso desrespeitasse as indicações de Salazar, que, alinhando ao lado de Hitler, promulgou uma circular, através da qual proíbe a concessão de vistos a judeus, apátridas e outros “indesejados”. Segundo os registos da polícia política PVDE, que a partir de 1945 se transformara na PIDE, entraram em Portugal, só nos dias 17, 18 e 19 de Junho de 1940, cerca de 18 000 pessoas com vistos assinados pelo “Cônsul desobediente”. À medida que recrudescia a ameaça nazi e a perseguição de milhares de Judeus por toda a Europa se intensificava, assumindo contornos cada vez mais assustadores, milhares de refugiados judeus, em Bordéus, reuniam-se em frente aos consulados de Portugal e de Espanha, em busca de vistos para escapar a uma morte certa. Espanha negou os vistos aos refugiados judeus e a única esperança residia no consulado português.

Nasceu em 1885 e morreu em 1954, com 68 anos. Uma existência curta mais heróica aos olhos de muitos por ter salvado tanta gente

casa. Foi, posteriormente, ajudada pela igreja batista Hartford Memorial que convenceu o banco a perdoar-lhe a dívida e a deixá-la continuar a viver na mesma casa até ao fim dos seus dias.

O governo americano necessitou 41 anos para reconhecer o ato de Rosa e a premiar com a “Medalha Presidencial pela Liberdade”, em 1996. Em 1999, o Congresso americano atribuiu-lhe a Medalha de Ouro, considerada a mais alta honraria civil.

Rosa Parks faleceu a 24 de outubro de 2005, aos 92 anos de idade, de causas naturais, no seu lar, na cidade de Detroit, no estado do Michigan. O seu caixão foi velado com honras da Guarda Nacional.

Catarina Figueiredo, 12ªA



Humberto Delgado (1906-1965), também conhecido por “General sem Medo”, foi um general português, que soube dizer “Não” ao regime salazarista e manteve a sua candidatura à presidência da república, apesar das ameaças recebidas.

Pertenceu à Força Aérea Portuguesa e, devido à sua diplomacia e poder militar, percorreu o mundo conhecendo outros sistemas políticos completamente divergentes do nosso. Quando regressou ao País, apercebeu-se dos defeitos políticos e sociais existentes em Portugal, decidiu, quando proposto pela oposição do regime salazarista, candidatar-se à presidência da república.

O Governo censurou a sua candidatura, na esperança de que ele desistisse dela. Ele soube dizer não a esta censura e manteve-se firme, ganhando cada vez mais o apoio dos cidadãos.

O Grande NÃO a Salazar deu-se quando, numa entrevista, lhe perguntaram o que faria com Salazar caso fosse eleito, respondendo ele algo tão simples como isto: “Obviamente, demito-o”.

As opressões à sua candidatura aumentaram, mas ele continuou até ao fim.

O resultado foi o mais fraudulento da história, ganhando Américo Tomás, o candidato do regime, com 76, 45% dos votos, contra apenas 23,55% de Humberto Delgado.

Humberto delgado acabou por exilar-se e veio a ser morto em Espanha, enganado por dois agentes da PIDE.

Humberto Delgado foi um homem que soube dizer não à ditadura e ao regime, embora no final o NÃO do regime o vencesse.

Aníbal Fernandes 10ºC



O ato de dizer “não” considera-se, por vezes, como ir contra a corrente. Ou seja, por exemplo, quando se discorda com a opinião de alguém, estamos a praticar esse ato. Isto acontece e, mais importante, aconteceu, ao longo da História, a várias personalidades que, ao destacarem-se pelas suas atitudes contraditórias, fizeram história.

É o caso de Oprah Winfrey, a apresentadora e empresária norte-americana, que se destacou pelo seu programa “The Oprah Winfrey Show” que arrecadou a maior audiência televisiva americana de todos os tempos.

Porém, nem tudo foi esplendor na vida de Oprah. Nasceu numa família de adolescentes separados, foi maltratada pela avó e abusada pelos tios. Depois de fugir de casa, quando parecia que o pesadelo tinha acabado, Oprah engravidou, aos 14 anos.

Após o parto, o seu filho morreu e a jovem prossegue assim com a sua vida escolar. Licenciou-se em Comunicação Televisiva e encontrou trabalho em rádio e num jornal televisivo. Oprah pretendia alcançar o sucesso mas, por ser mulher e afrodescendente, as oportunidades de carreira fechavam-se à sua frente. Contudo, como vemos, atualmente, Oprah disse que “não” a quem não acreditava no seu potencial e sucedeu. É a apresentadora mais bem paga da televisão americana, com o seu próprio canal televisivo, editora da revista “The Oprah Magazine”, influente crítica de livros e a primeira mulher a ser incluída na lista de bilionários.

Oprah Winfrey mudou mentalidades e, conseqüentemente, o mundo.

Sérgio Domingues, 12ª A



Edward Snowden disse Não à invasão da privacidade individual, na internet. Reivindicou os direitos individuais no que respeita à privacidade na internet, expondo um programa secreto de espionagem praticado pela “NSA”.

Nascido em 1983, Snowden formou-se em ciências da computação. Ao longo do seu percurso, trabalhou na Dell, CIA, sendo recrutado em 2013 pela NSA. Meses mais tarde, fugiu para Hong Kong, publicando cerca de um milhão de documentos sobre as práticas de vigilância em massa, levantando questões acerca do equilíbrio entre sigilo governamental e a segurança nacional e informação privilegiada.

As suas ações não são alvo de consenso sendo considerado herói, patriota, traidor. Permanece na Rússia sob asilo político desde 2013

A ameaça terrorista continua a ser apontada para justificar o reforço da cibervigilância. Na Alemanha, a espionagem nas redes sociais desencadeou uma tempestade política. No Reino Unido, David Cameron quer aceder ao WhatsApp e ao iMessage. Isto revela bem a atualidade da denúncia de Snowden.

A sua história poderá ser conhecida com mais pormenor através do filme que Oliver Stone dirige e que estreará em 2016, “Snowden”.

Guilherme Moreira, 11ªA.

A importância histórica de dizer “não”

... querer/ter companhia

Solidão

Maria Manuel Gorgueira, 11º B

Cada ser vivo vem ao mundo sozinho, atravessa a vida como um ser em separado e, no final, morre sozinho. Aceitar o facto, lidar com isso e aprender como direccionar as nossas vidas de forma correta e satisfatória é a condição humana.

Muitas pessoas sentem-se sozinhas no mundo. Não têm com quem conversar e passar o tempo, mas, apesar de viverem normalmente, o sentimento de falta, abandono e exclusão permanece marcado e pode levar à depressão, uma doença que cada vez se vem tornando mais comum.

Solidão é um sentimento no qual uma pessoa sente uma profunda sensação de vazio e isolamento. É mais do que a necessidade de uma companhia ou realizar alguma atividade com outra pessoa, não porque simplesmente se isola, mas porque os seus sentimentos precisam de algo novo que as transforme. Solidão não é o mesmo que estar desacompanhado.

A solidão absoluta não existe. Há sempre alguém com quem se mantenha uma certa proximidade, seja física ou emocional. Por outro lado, em certos momentos, a solidão é valorizada por muitas pessoas, havendo quem a considere imprescindível para descansar ou se concentrar.

Os monges de certas congregações decidem viver na solidão como uma forma de se ligarem ao seu mundo interior. Existem, ainda, grupos de monges que, apesar de viverem em comunidade, não conversam uns com os outros.

As pessoas podem sentir-se sozinhas por muitas razões e, muitos eventos da vida estão associados à solidão. A falta de amizades durante a infância e a adolescência ou a falta de pessoas interessantes podem desencadear não só a solidão, mas também a depressão e o celibato involuntário. Ao mesmo tempo, a solidão pode ser um sintoma de um outro problema social ou psicológico, que deveria ser tratado.

Em grandes cidades, milhares, até mesmo milhões de pessoas vivem muito próximas umas das outras. Ironicamente, essa aglomeração causa solidão. A correria da vida urbana leva muita gente à falta de socialização.

Assim, quem mora em cidades acaba por viver cercado de estranhos.

O modo como muitas indústrias e empresas são administradas tem levado muitos funcionários, não importa o cargo, a sentirem-se solitários e deslocados, devido à constante pressão e stress.

A crise económica obrigou muitos a emigrar, em busca de melhores condições de vida. Mudar de casa leva as pessoas para longe daqueles de quem mais gostam e acabam por sentir-se como uma planta que foi arrancada de um lugar e plantada noutra, deixando as raízes para trás.

A morte de um ente querido deixa um vazio enorme, levando-nos a sentir-nos sozinhos e desamparados.

Um indivíduo solitário tende a sofrer de insónia, obesidade, doenças cardíacas e mentais, principalmente na terceira idade.

Estudos revelam, também, que a solidão está intimamente ligada ao aumento da pressão sanguínea, stress, alcoolismo, uso de drogas, dependência de medicamentos e ao mau funcionamento do sistema imunológico, deixando o organismo mais susceptível ao aparecimento e desenvolvimento de diversas doenças.

O tratamento para a solidão pode envolver consultas ao psicólogo, juntamente com prescrições de antidepressivos. Alguns especialistas recomendam a terapia em grupo como uma forma de se conectar a outras pessoas que passam pelo mesmo sofrimento e estabelecer, assim, um sistema de apoio que tente satisfazer a necessidade interior de atenção e carinho.

Abordagens alternativas incluem exercícios físicos, dieta, hipnose, choques eléctricos, acupuntura, fitoterapia, entre outros.

Um outro tratamento, tanto para a depressão quanto para a solidão, é a terapia através da presença de animais de companhia, como cães, coelhos e até mesmo porquinhos-da-índia. De acordo com a agência Centers for Disease Control and Prevention, existem vários benefícios associados aos animais de estimação. Além de atenuar a sensação de solidão, este mé-

todo de recuperação pode levar à socialização com outros donos de animais semelhantes.

O tema solidão está muito ligado às artes, seja pintura, literatura ou filmografia.

A obra de Edward Hopper, pintor, artista gráfico e ilustrador norte-americano falecido em 1967 em Nova Iorque, é sublime na sua visão realista do que se esconde no interior do quotidiano de muitos: solidão e melancolia. As suas paisagens e protagonistas são, não só representativos de um estilo de vida americano em inícios do século XX, como refletem o cenário actual de um mundo contemporâneo em crise.

A Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão Americana de 1929 e a Segunda Grande Guerra, foram vividas por Edward Hopper (1882-1967), influenciando grande parte da sua obra.

Um café na esquina, uma rua vazia, olhares distantes, espaços, sombras, frio e silêncio. Uma barbearia, o escritório, um restaurante, um cinema, um café. Uma mulher, um homem, talvez a discutir, talvez sozinhos.

Tudo isso, incluindo objetos, personagens e milhares de perguntas, está presente na pintura de Edward Hopper.

Um número primo é inerentemente solitário, só podendo ser dividido por si próprio ou por um, nunca se adaptando aos outros.

É o que acontece no romance de Paolo Giordano “A solidão dos números primos”, onde Alice e Mattia vivem em torno do seu próprio eixo, sozinhos com as suas respetivas tragédias. Alice, uma criança bastante introvertida. Mattia, um menino de inteligência brilhante, cuja irmã gémea é deficiente. Quando são convidados para uma festa de anos, ele deixa-a sozinha num banco de jardim e nunca mais torna a vê-la.

Viver numa cidade estrangeira onde não se conhece ninguém é umas das principais causas de solidão.

Em “Mar Azul”, quarto livro ficcional de Paloma Vidal, essa realidade é retratada por uma mulher no começo da velhice, solitária numa nova cidade, que se dedica a tarefas corriqueiras. Observa o voo dos pombos no pátio, frequenta a piscina,

“No fundo é isso a solidão: envolvermo-nos no casulo da nossa alma, fazermo-nos crisálida e aguardarmos a metamorfose, porque ela acaba sempre por chegar.”

August Strindberg (dramaturgo sueco, que viveu entre 1849 e 1912)

marca consultas médicas que considera cada vez mais urgentes. Mas, dentro de casa, literalmente sozinha, empreende uma atividade peculiar, quase clandestina: lê os diários do seu pai e escreve as suas próprias linhas nos versos das páginas. O contacto entre as duas grafias vai desvelando as pistas de uma história sempre incompleta.

Também no mundo do cinema, a solidão é um tema muito popular.

Após entulhar a Terra de lixo e poluir a atmosfera com gases tóxicos, a humanidade deixou o planeta e passou a viver numa nave gigantesca. O plano era que o retiro durasse poucos anos, sendo deixados robôs para limpar o planeta. Wall-E é o último destes robôs, que se mantém em funcionamento graças ao auto-conserto das suas peças. A sua vida consiste em compactar o lixo existente no planeta, formando torres maiores que arranha-céus, e colecionar objetos curiosos que encontra ao realizar seu trabalho. Até que um dia surge repentinamente uma nave, que traz um novo e moderno robô: Eva. A princípio curioso, Wall-E logo se apaixona pela recém-chegada. “Wall-E”, um filme de animação de Andrew Stanton, que atinge, principalmente o público infantil.

“Ela” é um filme inserido na tipologia ficção científica, dirigido por Spike Jonze. Trata a história de Theodore, um escritor solitário, que, ao comprar um novo sistema operacional para o seu computador, para sua surpresa, acaba por se apaixonar pela voz deste programa informático, dando início a uma relação amorosa entre ambos. Esta história de amor incomum explora a relação entre o homem contemporâneo e a tecnologia.

Desta forma, a solidão está muito presente do dia-a-dia das pessoas e é retratada das mais variadas formas, sendo, para muitos, o exílio fundamental para o seu autoconhecimento. No entanto, é necessário controlar o tempo que se passa sozinho, para que não se torne um caso grave de depressão.



Corredor da solidão

Era um corredor desanimado aquele em que o rosto infeliz de um jovem despertou a minha atenção. Olho para ele como nunca olho para ninguém, perguntando-me se é ele que quer estar só, ou se é a solidão que lhe bate à porta.

Angustia-me pensar no vazio que o afasta dos outros, no facto de se isolar porque é incapaz de conviver e de criar amigos e saber que precisa de algo que transforme esse sentimento noutra que o faça querer estar acompanhado. Também me angustia pensar nas causas dessa solidão: a timidez que o impede de se aproximar de outros ou a arrogância que o afasta por sentir que ninguém merece a sua presença.

A solidão é num caso e noutra triste e pode condicionar bastante a vida, desde as pequenas coisas do dia a dia até às opções que decidem o futuro de alguém. Por isso, preocupa os pais saber que o seu filho não tem amigos, ninguém com quem partilhar alegrias e tristezas, ninguém para o ajudar a crescer.

Por isso, consideramos fundamental a ajuda da turma, que pode convidá-lo para uma simples saída como um passeio, ou até uma ida ao bar, dos professores, da família, de um psicólogo, que o ajude a ultrapassar os problemas que o impedem de ter amigos.

Lara e Soraia Silva, 7ºB

... estar só

Família, um núcleo central

Ana de Carvalho e Mafalda Ramos, 11^oA

A família é considerada a instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos na sociedade. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância.

Assim, todas as famílias são diferentes porque têm formas de pensar e de estar distintas e têm uma história de vida própria. Estas formas de pensar e de estar relacionam-se com a história de cada família, com o meio onde vivem, com a cultura que adquiriram com os seus antepassados, com a religião ou fé que cultivam. Por isso, todas as famílias têm os seus próprios valores, as suas crenças e costumes, que são a base da educação dos seus filhos.

Deste modo, as famílias de hoje não têm tempo para conviver e para comunicar: encontrar tempo para ouvir e para falar significa deixar de lado muitas outras coisas que nos interessam, mas que não são tão importantes. A verdade é que os pais devem fazer um esforço no sentido de fomentar o diálogo e consequentemente os laços familiares, até porque existe sempre algo para dizer, como relatar uma aventura no seu trabalho, descrever uma tarefa doméstica, ou comentar um programa da

rádio, por exemplo.

Por sua vez, o núcleo familiar é de extrema importância na formação do carácter do indivíduo. Os pais devem apresentar aos filhos aquilo que esperam deles em determinada situação e os valores que querem que respeitem de forma clara, sendo consistentes. Se um determinado comportamento não é aceitável, então não é aceitável nunca e não apenas quando, por exemplo, os pais se sentem com disposição para serem persistentes. As regras devem estar bem definidas, bem como as consequências do seu incumprimento. No entanto, é fundamental que os pais também as cumpram, pois não serve de nada gritar em vez de os castigar por se levantarem da mesa antes de se acabar de comer quando eles próprios o fazem para atender o telemóvel, por exemplo.

Consequentemente, nada tem mais impacto na educação de um ser humano do que o comportamento das pessoas que o criaram, pois se os pais lhe disserem o que fazer em vez de mostrar como fazê-lo, isso não serve de nada.

Em suma, a família é algo único, insubstituível e extremamente necessário para a formação do ser humano.

A família é um núcleo central na vida do indivíduo, marcando as suas origens, o seu carácter e o seu percurso”

Ao longo das últimas décadas, a conceção tradicional de família alterou-se, deixando de lado a utopia do lar com dois filhos e um pai e uma mãe com um casamento e uma vida perfeitamente estáveis.

No entanto, apesar dos novos conceitos de família, quer sejam de casais homossexuais ou de progenitores divorciados ou solteiros, a família continua a ser o cerne que determina ou influencia o futuro dos seus membros.

Com efeito, uma das formas mais eficazes de demonstrar que a família vincula o futuro de um indivíduo prende-se, por exemplo, com a conceção de “Família Real”, já que, mesmo que o filho primogénito queira enveredar por outro rumo, o seu destino está sentenciado e ele tornar-se-á, inevitavelmente, rei.

Por outro lado, alguns apologetas da sociedade contemporânea independente e autónoma consideram a família como um agregado que constitui a rampa de lançamento de um indivíduo no mundo. Todavia, notamos que, cada vez mais, os jovens que enveredam por um caminho desprendido dos progenitores regressam para junto destes, por culpa do frequente insucesso pessoal e profissional e das

contingências sociais, económicas e laborais que formatam a nossa sociedade, na qual os indivíduos parecem adquirir independência económica cada vez mais tarde. Portanto, denota-se um apego cada vez maior dos jovens aos seus progenitores, junto de quem procuram apoio financeiro e logístico, para os ajudarem a suprir as suas carências, num mundo onde as dificuldades na obtenção do primeiro emprego parecem cada vez mais acentuadas.

Em suma, creio que o indivíduo se mantém com uma espécie de “cordão umbilical invisível” ao longo de toda a sua vida, já que os seus pais e avós determinaram não só as suas origens como a sua formação cívica, que condiciona as suas relações interpessoais. Nesse sentido, a família continua a ser o pilar de toda a condição humana, nas suas múltiplas vertentes.

Não, não vou por aí!

Cântico Negro

“Vem por aqui” - dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: “vem por aqui!”

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidade!

Não acompanhar ninguém.

- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde

Por que me repetis: “vem por aqui!”?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,

Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,

A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi

Só para desflorar florestas virgens,

E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!

O mais que faço não vale nada.

Como, pois sereis vós

Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem

Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,

E vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,

Tendes jardins, tendes canteiros,

Tendes pátria, tendes tectos,

E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...

Eu tenho a minha Loucura !

Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,

E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;

Mas eu, que nunca principio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: “vem por aqui!”

A minha vida é um vendaval que se soltou.

É uma onda que se alevantou.

É um átomo a mais que se animou...

Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou

- Sei que não vou por aí!

José Régio, in ‘Poemas de Deus e do Diabo’

...ir

Abstenção: a voz que se cala

Ana de Carvalho, 11ªA

Desde os primórdios da existência que o homem fez da busca pela liberdade a sua demanda.

Também a nível político se manifesta este interesse, com a abolição de regimes de soberania única como a monarquia ou a ditadura e a implementação de um regime democrático. Portugal começou a ter governos eleitos em 1820, com a cessação da monarquia absoluta, no entanto, durante quase duzentos anos, o regime passou por períodos conturbados em que as liberdades públicas de expressão, de reunião ou de associação foram limitadas.

Destes, destacam-se os quase cinquenta anos de ditadura salazarista, que terminou a 25 de abril de 1974. Um ano depois realizaram-se as primeiras eleições livres e com sufrágio universal.

Contudo, ao longo dos anos, a democracia foi sendo desvalorizada com a crescente taxa de abstenção, um aumento substancial de quase trinta por cento em apenas 30 anos, segundo dados do portal Pordata, datados de 16 de outubro de 2015.

Com efeito, os votos brancos ou nulos constituem um manifesto de indignação e protesto, todavia é uma expressão vazia de protesto nenhum, já que, naquele quadrado não preenchido cabe um apelo autoritário e uma hesitação radical de quem está tórbido e dececionado com o poder que lhe é apresentado.

Por outro lado, a abstenção constitui um ato de desrespeito à democracia e à liberdade pela

qual os nossos entes derramaram tanto sangue e suor, uma vez que é o símbolo do desinteresse pela soberania do povo e constitui, ainda que discreto e silencioso, um voto a favor dos arcos de governação instalados. Esta bola de neve é uma espécie de muro das lamentações, sem qualquer consequência, pois estas atitudes de revolta são totalmente inócuas e levam à perpetuação do poder que julgamos nefasto.

Assim, devemos implantar o desejo de justiça nas urnas, apelando à mudança do clubismo e utopias que camuflam a desordem viciosa, corrupta e obscura com que compactuamos se não exercermos o único valor de força constitucional que pode derrubar as seitas de amigos ricos do regime a que estamos constantemente submetidos, o voto!

É urgente revolucionar este cenário e cabe às gerações jovens unirem-se contra abstencionismos fantasmas e votar, deixar de sonhar e imaginar e agir! Façamos ouvir a nossa voz, afrontemos com um voto válido, só desses é que se tem medo!

Finalmente, é de salientar que o voto válido é um dever se queremos retirar do poder aqueles nos quais não nos reveemos. Não votar torna-os intocáveis, impuníveis, ninguém os julga, ninguém vota contra eles.

O voto branco ou a abstenção são uma forma de protesto mudo ou voz calada, um salto no vazio para uma cadeia que representa a abstenção.

“(…) apareceu na televisão o primeiro-ministro. Vinha com o rosto demudado, de olheiras cavadas, efeito de uma semana inteira de noites mal dormidas, pálido apesar da maquilhagem tipo boa saúde. trazia um papel na mão, mas quase não o leu, apenas lhe lançou um olhar de vez em quando para não perder o fio do discurso, Prezados concidadãos, disse, o resultado das eleições que hoje se realizaram na capital do país foi o seguinte, partido da direita, oito por cento, partido do meio, oito por cento, partido da esquerda, um por cento, abstenções, zero, votos nulos, zero, votos em branco, oitenta e três por cento.”

José Saramago

Ensaio
sobre
a lucidez

Abandono: o percurso que não se faz

Manuel Trindade, coordenador do CQEP



O Marco Ferreira tem 37 anos e abandonou precocemente a escola porque o sonho dos relvados ofuscava a vontade dos pais e a sua motivação de estudar. Depois de muitos sucessos em Portugal e no estrangeiro (chegou a jogar pelo Benfica e pelo Porto e representou a nossa seleção), voltou à escola para concluir o nível secundário num processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), nível que lhe é exigido para prosseguir com a sua vontade de ser treinador de futebol.

A Yuliya Chokhriy, de 23 anos, também realizou o mesmo processo para obter um nível de equivalência ao 9.º ano porque, apesar de ter frequentado o 12.º ano de escolaridade na Ucrânia, abandonou o seu país natal sem a documentação necessária para formalizar a equivalência escolar. Trabalha agora das 9h30 da manhã às 3h da tarde e das 6h30 à meia-noite num restaurante da cidade, cuidando da sua filha nas horas vagas. Este horário nunca lhe permitiria frequentar o percurso escolar regular para completar a sua escolaridade.

A Ângela Bártolo tem 21 anos e deixou a escola com 18 anos e duas disciplinas por fazer para terminar o 12.º ano de escolaridade. Deixou porque reprovou a essas disciplinas e perdeu a motivação para continuar, ao mesmo tempo que a vontade da independência económica ganhava lugar. Trabalhou num restaurante e num lar de idosos mas nunca conseguiu a satisfação pessoal, profissional e económica que procurava. Veio

agora concluir o seu processo escolar num curso de Educação e Formação de Adultos (EFA) que decorre na Escola Abade de Baçal.

Estas três histórias de abandono escolar precoce foram testemunhadas pelos próprios a alunos dos cursos PIEF, vocacionais e profissionais da Escola Abade de Baçal em duas sessões de sensibilização para esta problemática que se realizaram na manhã do dia 12 de janeiro no auditório da Escola Abade de Baçal. Estas sessões foram organizadas pelo Centro para a Qualificação e Ensino Profissional (CQEP), como ação integrante do seu plano de atividades.

Os três adultos convidados conversaram com estes alunos sobre as suas histórias de vida, apresentaram as razões do seu abandono escolar, as razões que os levaram a voltar à escola e as dificuldades sentidas pela falta da escolaridade necessária e apresentaram também os processos de educação para adultos que procuraram para completar a sua escolaridade, o que permitiu também dar a conhecer aos alunos as ofertas formativas que

poderão encontrar no Centro.

Pretendeu-se com estes testemunhos uma maior identificação dos alunos visados com aquelas realidades e que compreendessem a necessidade que uma formação completa tem na vida adulta.

A forma bastante pessoal dos testemunhos permitiu que fosse devidamente enfatizada a mensagem de que o abandono escolar é prejudicial ao desenvolvimento pleno do indivíduo, à sua realização e satisfação pessoal e profissional e que, mais tarde, quando surge a necessidade de voltar à escola, as obrigações profissionais e familiares podem dificultar esse processo.

Após o final das sessões, considerou-se que a mensagem foi devidamente transmitida e que, por isso, o sucesso da ação foi efetivo e valorizado por todos os presentes.



... distinguir

Espelho meu...

Lara e Soraia Silva, 7ºB

Na última década do século XX, em Portugal, nasceram mais de 2 mil gémeos e o Instituto Nacional de Estatística (INE) observou que nestes últimos 5 anos têm chegado a 3 mil. Este aumento deve-se, sobretudo, a tratamentos de fertilidade. Teresinha Simões, responsável pela consulta de gravidez múltipla na Maternidade Alfredo da Costa, refere que «desde 1970 que se tem verificado um aumento enorme na taxa de gravidezes múltiplas. Em França, entre 1970 e 1998, a taxa de gémeos aumentou 50 a 60% e a de gravidezes triplas subiu 300%. Em Inglaterra, o aumento foi 430% e nos EUA de 696%». Para a especialista, o aumento dos números «deve-se não só ao facto de as mulheres engravidarem mais tarde, mas fundamentalmente aos tratamentos cada vez mais frequentes de reprodução assistida.

Gémeos são pessoas nascidas no mesmo parto, ou seja, da mesma mãe, normalmente no mesmo dia. Estes gémeos podem ser de dois tipos: monozigóticos, também designados como verdadeiros ou idênticos; dizigóticos, chamados de falsos.

Os gémeos monozigóticos resultam da fecundação de um único óvulo por um espermatozoide. Depois da fecundação, o ovo divide-se originando um conjunto de células, que se separam em dois grupos, dando cada grupo origem a um indivíduo. Esses gémeos são geneticamente iguais, do mesmo sexo e muito parecidos morfológicamente, chegando ao ponto de ser difícil distingui-los.

Os gémeos dizigóticos são produto da fecundação de dois óvulos diferentes por dois espermatozoides. Esses gémeos são geneticamente diferentes, podem ser do mesmo sexo ou de sexos diferentes, podem ser pa-

recidos ou não. São como dois irmãos que, por acaso, se desenvolveram juntos e nasceram ao mesmo tempo.

Teorias à parte, como é ser gémea, já que a distinção entre gémeos verdadeiros não é fácil? Vamos apresentar algumas ideias que se baseiam apenas na nossa experiência.

Nós, Lara e Soraia Silva, lidamos todos os dias com a troca dos nossos nomes. Ao longo dos anos, fomos habituando, mas, por vezes, torna-se cansativo repetir variadas vezes “Eu não sou a Lara/Soraia”. Por isso, já habituadas, quando chamam o nome da nossa gémea, olhamos, pensando ter havido a troca dos nomes. Relacionado com esta dificuldade de distinção de duas pessoas está outra situação especialmente irritante, como a mania de algumas pessoas tratarem duas pessoas como se fossem uma só. Isto acontece com mais frequência do que parece. Quantas vezes não escrevem gémeas quando pedem um único número de telefone? Quantas vezes elogiam uma referindo que também estão naturalmente a elogiar a outra? Parecem esquecer que são duas pessoas com personalidades diferentes, estilos diferentes que gostam de ser tratadas como um ser humano único.

Apesar de ninguém gostar de ser confundido com outro, há vezes em que ser gémea é uma vantagem para nos divertirmos, como, por exemplo, quando eu e a minha irmã trocamos de lugares na sala e o professor só reparou quando os nossos colegas lhe disseram.

Na nossa opinião e baseando-nos na nossa experiência, uma das gémeas fica sempre mais irresponsável que a outra, pois vivendo na mesma casa, há sempre uma que se preocupa também com a outra e trata dos seus assuntos: as autorizações, o dinheiro para carregar o



cartão, o material para a aula, entre outras coisas. Isto sobrecarrega uma, que assume as responsabilidades da outra, e torna a outra mais despreocupada e, consequentemente, menos responsável. Tendo em conta este e outros aspetos, será que há vantagens em colocar dois gémeos na mesma turma? No que nos diz respeito, nós gostamos de estar na mesma turma. É mais prático, desde que sejamos tratadas como alunas diferentes. Por este mesmo motivo, não costumamos vestir-nos de igual. Somos duas pessoas diferentes, temos gostos e personalidades diferentes e também nos distinguimos em termos de aprendizagem.

Outra questão que por vezes nos colocam é a de saber se os gémeos conseguem distinguir melhor outros gémeos do que as outras pessoas? A nossa experiência não é conclusiva, pois uma de nós afirma ter grande facilidade em distinguir gémeos enquanto a outra diz ter as mesmas dificuldades que as outras pessoas manifestam.

O que preocupa os pais que têm gémeos? Além das questões económicas, pois as despesas são a dobrar, e logísticas (mais uma cama, mais uma cadeira

no carro, um carrinho de bebé duplo...), pensamos que o que mais absorve os pais é a educação, pois eles também querem que este-

jamos juntos, sejamos unidos como outros irmãos, mas que cada um crie a sua própria personalidade. Por isso, o mais impor-

ante é considerar que neste caso também se aplica a expressão, embora invertida: “Todos iguais, todos diferentes”.

O “Não” de Deus

Aníbal Fernandes, 10ºC

Reinava Ramsés II, quando Moisés levou os hebreus para fora do Egito. Era o século XIII antes de Cristo. Os hebreus que se encontravam no delta do Nilo suportaram o cruel domínio dos egípcios e Deus incumbiu Moisés de libertar o povo dessa escravidão. Iniciou então a sua tarefa: libertou os hebreus, atravessou com eles o Mar vermelho e o deserto. É no Monte Sinai que Moisés recebe de Deus as Tábuas da Lei (Decálogo). Não duraram muito, porém, estas tábuas já que colérico por verificar que o povo que salvara se deixara corromper pelo vil metal e fabricara um ídolo de ouro para adorar, Moisés quebra as tábuas e chamou o povo, ordenando-lhe que matassem todos os que eram corruptos. Assim aconteceu. Deus pedirá a Moisés, novamente no

Monte Sinai que talhe duas tábuas de pedra, nas quais ele escreveria as mesmas palavras que se encontravam nas primeiras. Moisés cumpriu o pedido e ficou junto a Deus “quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão nem beber água”, enquanto a obra nascia.

Os Dez mandamentos resumem, assim, a Lei de Deus, dada por Deus a Moisés, fazendo assim a sua aliança com o seu povo, através destas Tábuas da Lei. Os 10 Mandamentos cristãos (católicos) diferem um pouco dos judaicos:

- 1º Amar Deus sobre todas as coisas
- 2º Não Invocarás o nome do Senhor em vão.
- 3º Santificarás o dia de Sábado.
- 4º Honrarás teu Pai e tua Mãe.
- 5º Não Matarás.
- 6º Não Cometerás adul-

tério.

7º Não Roubarás.

8º Não dás falso testemunho contra o teu próximo.

9º Não cobiçarás a mulher alheia.

10º Não cobiçarás nada que pertença a teu próximo.

Estes mandamentos podem-se resumir a apenas dois, na liturgia cristã, “Amarás o Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 37-40). Existem também as adaptações dos mandamentos dos ortodoxos e dos protestantes com pequenas variações nos primeiros e nos últimos mandamentos.

Estas placas encontravam-se na Arca da Aliança, que representava a Aliança do povo de Israel com Deus. O paradeiro da arca encontra-se desconhecido.

... lembrar

Amnésia

Marta Genésio

Não é possível “desligar” as memórias, as recordações do passado e também não podemos evitar que o tempo passe. A memória é a cola do tempo, sem ela é como nascer de novo a cada minuto. Todo o ser humano recorda momentos e nomes a menos que sofra de amnésia. Esta consiste na perda parcial ou total das memórias já adquiridas ou a incapacidade de fixar novas memórias, pode ser causada por lesões no cérebro, doenças, drogas e experiências traumáticas. Quando grave, impede qualquer forma de vida social com qualidade. Esta pode ser classificada como amnésia anterógrada, retrógrada e infantil.

A amnésia anterógrada tem como maior sintoma a diminuição da capacidade de consolidar novos conhecimentos, apesar de o indivíduo ainda ser capaz de recordar de fatos ocorridos no passado. Porém, existem casos extremos nos quais a memória presente do indivíduo dura apenas alguns segundos. Contrariamente, na amnésia retrógrada, o portador perde a memória do seu passado, ou seja, é incapaz de recordar.

Acredita-se que todas as pessoas sofram de amnésia infantil. Este

tipo de amnésia é descrito como a incapacidade de uma pessoa se recordar das suas histórias de infância. Todos nós somos capazes de recordar certos episódios isolados da nossa infância, porém faltam sempre detalhes causados por lacunas na nossa memória. E alguns deles estão presentes por relatos de familiares, fotografias ou registos em vídeo e não porque nos lembramos efetivamente deles.

A reversão da amnésia depende das causas, do tipo e da gravidade da mesma. Casos de origem psicológica causados por certos traumas podem ser revertidos através de terapia. Filmes como “Amnésia (Memento)”, “Como se fosse a primeira vez (50 first dates)”, “Para Sempre”, entre outros, abordam o impacto psicológico da amnésia em quem a sofre naqueles que convivem com essa pessoa.

Outro exemplo da incapacidade de recordar o passado é a doença Alzheimer que é a forma mais comum de demência. Não existe cura para a doença, a qual se agrava progressivamente até levar à morte. A doença é geralmente diagnosticada em pessoas com idade superior a 65 anos, embora possa ocorrer mais cedo.

Embora a doença de Alzheimer se manifeste de forma diferente de pessoa para pessoa, existem diversos sintomas em comum. Nos primeiros estágios, o sintoma mais comum é a dificuldade em recordar eventos recentes, o que se denomina perda de memória a curto prazo. À medida que a doença evolui, o quadro de sintomas pode incluir confusão, irritabilidade, alterações de humor, comportamento agressivo, dificuldades com a linguagem e perda de memória a longo prazo. Em grande parte dos casos, a pessoa com Alzheimer afasta-se gradualmente da família e da sociedade.

As causas de maior parte dos casos de Alzheimer são ainda desconhecidas, exceto em 1-5% dos casos onde têm sido identificados problemas genéticos. Existem diversas hipóteses que tentam chegar a uma explicação para a origem da doença. O fumo de tabaco é um fator de risco significativo de Alzheimer. Existem também evidências conjecturais de que a exposição à poluição do ar possa constituir um fator para o desenvolvimento de Alzheimer.

Uma vez que a doença de Alzheimer não tem cura e o paciente vai gradualmente perden-

do a capacidade de cuidar de si próprio, o tratamento passa principalmente pela prestação de cuidados, sendo que esta está entre as doenças com maiores custos sociais na Europa e nos Estados Unidos. Estes custos têm tendência a aumentar com o envelhecimento da população, tornando-se cada vez mais um problema social.

Esta temática foi várias vezes abordada em filmes, como é o caso de “O meu nome é Alice”, “O diário da nossa paixão”, “Longe dela”, entre outros, que podem ajudar a compreender melhor o modo como a doença se manifesta, como as pessoas progressivamente se adaptam à sua nova condição, que altera completamente a sua vida.

As pessoas que se envolvem em atividades intelectuais, como a leitura, jogos de tabuleiro, palavras-cruzadas, toque de instrumentos musicais, ou que têm interação social de forma regular demonstram menor risco de vir a desenvolver doença de Alzheimer. A atividade física também está associada a um menor risco da mesma.



O desespero devido à perda de um filho lança uma mulher num abismo que lhe provoca uma desconcertante amnésia, que a impede de chorar o filho que, afinal, não sabe que perdeu.

Resta-lhe sobreviver e redescobrir-se.

“Uma mulher que espera ainda e sempre, à janela. Porque o coração é um bicho e não ouve. E uma pergunta a que não se ousa responder: Para onde vão os amores que foram um dia?” (do editor)

... distinguir

Daltonismo

Ana Sofia Lourenço, 11ªA

Confundir as cores pode ser mais complicado do que parece e não é só porque expõe as pessoas que as confundem de forma ridícula, pela má combinação das cores das roupas que veste ou por comentários que faz e que parecem a quem desconhece o problema absurdos. As consequências são mais graves e vão desde a escolha da linha errada do metro, à seleção errada de uma opção e até a tomas de medicação incorretas. Esta incapacidade de distinguir as cores tem a designação de daltonismo, mas também pode ser chamado de discromatopsia. Esta perturbação é normalmente genética, ou seja, é uma doença hereditária recessiva, contudo também pode ser re-

sultado de uma lesão ocular ou de origem neurológica. Geneticamente, esta doença está mais associada ao sexo masculino, sendo que cerca de 8% a 10% dos homens são daltónicos e existe apenas uma rapariga daltónica para cada dez rapazes. Isto deve-se ao facto deste distúrbio estar relacionado com o cromossoma X. Como os homens só têm um cromossoma X, bastará um simples gene recessivo para que manifestem daltonismo, ao invés do sexo feminino que, para manifestar esta doença, necessita de dois genes recessivos, o que é muito raro.

Além disso, existem três tipos desta deficiência visual, nomeadamente, daltonismo acromá-

tico ou monocromia, no qual o indivíduo vê preto, branco e cinzento; daltonismo dicromático onde o indivíduo não possui um recetor de cor (cone) e, assim sendo, não consegue identificar alguma cor, como protanopia- vermelho, deuteranopia- verde e tritanopia- azul. E, por fim, o daltonismo tricromático que é o mais comum. O indivíduo possui uma leve dificuldade em distinguir as cores já que a pessoa tem todos os recetores mas, não funcionam bem e, variam conforme a cor que não se consegue identificar, sendo que protanomalia - vermelho; deuteranomalia - verde e tritanomalia - azul.

Atualmente, não existe nenhum tipo de tratamento para

este distúrbio, mas uma pessoa daltónica pode viver normalmente, desde que tenha conhecimento das limitações da sua visão.

Para ajudar aqueles que apresentam esta característica têm sido desenvolvidas algumas estratégias como o ColorADD, que é um sistema de identificação de cores para daltónicos. (ver código na página ao lado). Trata-se de uma aplicação muito simples: o utilizador aponta a câmara para o objeto cuja cor pretende identificar e no topo do ecrã aparece o nome da cor acompanhado do símbolo correspondente. É uma ferramenta que permite às pessoas daltónicas compreender a cor, garantindo assim iguais aces-

sibilidades para todos sempre que a cor é fator determinante de identificação, orientação e escolha.

Para concluir, vou enumerar algumas curiosidades relativas a esta doença:

- A maioria dos daltónicos não sabe que possui esta perturbação;
- Para as pessoas que possuem esta doença, o arco-íris não tem sete cores, mas sim duas ou três;
- Os daltónicos, geralmente, veem 500 a 800 cores;
- Têm uma visão noturna muito superior à de uma pessoa com visão normal.

... comer carne

Vegetarianos e afins

Inês Geraldes, 11ªA

Novas concepções alimentares, de lazer, de beleza e de saúde têm abrangido e movido as sociedades na adesão a novos conceitos e ações intrinsecamente relacionadas com estilos de vida distintos e qualificados, entre as quais se encontra a opção por uma dieta desprovida de carne.

Com efeito, o vegetarianismo é um regime alimentar baseado no consumo de alimentos de origem vegetal. Define-se como uma prática que exonera da dieta alimentar produtos animais, podendo recorrer ou não a derivados de certos seres, como ovos e laticínios. O vegetarianismo pode ser adotado por diferentes razões, estando a mais comum relacionada com o respeito e preservação da vida dos animais.

Outras razões da adesão a este movimento relacionam-se com a saúde, o meio ambiente, a estética e a economia.

Existe uma grande variedade de dietas vegetarianas, relacionadas com a exclusão e inclusão de determinados produtos fulcrais. A forma mais popular de vegetarianismo é o ovolactovegetarianismo, que exclui todos os tipos de carnes, mas inclui ovos, leite e laticínios. Há também o lactovegetarianismo, que exclui todos os tipos de carne e também o ovo, estando independentes os derivados lácticos. Outra forma de dieta vegetariana é o vegetarianismo estrito, no qual são excluídos todos os produtos de origem animal,

como ovos, laticínios e mel. O vegetarianismo estrito é frequentemente confundido com o veganismo, apesar de assentarem em conceitos distintos.

Com efeito, o vegetarianismo estrito assenta numa dieta que exclui todos os produtos de origem animal, inclusive produtos produzidos pelos seres vivos, enquanto que os veganos, além de excluírem produtos animais de consumo, excluem também comportamentos éticos e práticas sociais, nas quais sejam violados os direitos dos animais. Assim, estes boicotam o uso de lã, malhas, peles e a presença em práticas sociais, nas quais os animais sejam explorados em prol do divertimento e satisfação do homem.

Existem também outras dietas semelhantes como o crudivorismo e o frugivorismo. O crudivorismo é uma doutrina alimentar em que os alimentos consumidos são de origem agrícola e crus, defendendo a conceção de que processos químicos destroem a total capacidade nutritiva dos alimentos. Por outro lado, o frugivorismo assenta numa doutrina alimentar em que se ingerem apenas frutas, verduras, legume, no estado cru.

Consequentemente, este tipo de dieta tem tomado proporções colossais, sendo o tema explorado nas mais diversificadas áreas, como na cinematografia e literatura. Ao nível dos padrões cinematográficos os filmes de

longa e curta-metragem: "The Truth About Meat and Modern Farms", "The Truth Behind Meat Production", "A Engrenagem", "Sea the Truth", "Earthlings", "Glass", "À procura de Nemo", "Vegana" e "Earthlings", assentam em componentes audiovisuais nas quais é evidenciado o desrespeito, massacre e exploração dos animais num consumo exagerado e desproporcional por parte do homem. Estes permitem constatar os problemas associados aos atuais padrões de produção e consumo de animais, desmontando uma

realidade, que permanece oculta para muitos consumidores.

Por outro lado, no âmbito da literatura, "O Livro da Ignorância sobre o Mundo Animal", "O Mundo das Emoções dos Animais Domésticos", "Do Fish Fell Pain?", "Chicken, A Vida Emocional dos Animais", "Saiba como os Animais são Felizes", denotam este apelo e crítica ao genocídio, incessante, desenvolvido pelo homem na satisfação de prazeres em escalas desmedidas.

Também figuras públicas se mostram sensíveis a estas práti-

estão agora incluídos em 69 das 180 escolas de direito dos Estados Unidos, a ideia da extensão da qualidade de pessoas aos animais é defendida por vários professores prestigiados como Alan Dershowitz e Laurence Tribe de Harvard.

A Declaração Universal dos Direitos Animais foi proclamada em assembleia, pela UNESCO, em Bruxelas, no dia 27 de Janeiro de 1978. Contudo, esta declaração contém características condenadas pelos defensores de direitos animais, especificamente, o artigo 7º, cuja redação



cas e apelam à proteção e defesa dos animais, através da sua inclusão como ser digno e não como ponto fulcral de consumo, destacando-se Matt Ball, Dianna Agron, Olívia Wilde, Russel Brand, Anne Hathaway, Paul McCartney e Jared Leto.

Deste modo, a defesa dos direitos dos animais constitui um movimento que luta contra qualquer uso de animais não-humanos que os transforme em propriedades do homem, ou seja, meios para fins humanos. É um movimento social radical que não se contenta em regular o uso "humanitário" de animais, mas que procura incluí-los na comunidade moral de modo a garantir que seus interesses básicos sejam respeitados em igual consideração em relação aos interesses humanos. Cursos assentes na lei animal

afirma que "animais destinados ao abate devem sê-lo sem sofrer ansiedade nem dor", ratificando a possibilidade de violação de um direito básico (o direito à integridade física) para fins humanos.

Extrapolando, estima-se que os cinco países que apresentam as melhores propostas alimentares vegetarianas e maior taxa de ínfimo consumo de carne sejam a Índia, Etiópia, Israel, Jamaica e Singapura.

Finalizando, este movimento tem tomado proporções desmedidas que tem sensibilizado todos os seres a este estilo de vida que além de enaltecer e proteger os animais permite vantagens relevantes para o estilo de vida do homem.

... se deixar enganar

Publicidade

Estímulo permanente

Joana Jesus, 11º B

Hoje em dia, a publicidade ocupa um espaço privilegiado nas nossas televisões, nas rádios ou jornais. Por exemplo, as televisões são intoxicadas por blocos publicitários de 15 minutos entre todos os programas televisivos, onde se repetem incessantemente os mesmos anúncios.

Existem várias variantes envolvidas na publicidade: a descritiva, a injuntiva, a dialogal, a musical, a emocional, entre outras, mas, na verdade, todas têm o mesmo objetivo, persuadir o público-alvo a comprar ou visitar o produto em questão ou a aderir a uma ideia.

Por isso, é conhecida como uma arte de convencer, de seduzir. Os publicitários jogam cada vez mais com os instintos do público que pretendem influenciar, usando elementos persuasivos como: a música, figuras públicas, as crianças, a segurança, o conforto, etc. Elaboram muitas vezes anúncios nos quais

a vida é perfeita, sem qualquer tipo de problemas, distorcendo completamente a realidade. Muitas vezes omitem os defeitos do produto e realçam apenas as suas qualidades, o que estimula o consumo excessivo e sem necessidade.

Por exemplo, em vários anúncios publicitários sobre automóveis, onde são apresentadas as suas características, como a segurança, o conforto, a velocidade, deparamo-nos muitas vezes com a utilização de bebés ou crianças nesse anúncio. Usam as crianças como meio de persuasão, como se fossem ímanes que atraem a atenção dos pais, fazendo-os concluir que aquele carro é ideal para a segurança do seu filho.

Concluindo, vivendo o homem rodeado de publicidade, que nos o seduz com mentiras e algumas verdades, a única forma de estar perante ela é mantendo um olhar informado e crítico.

O impacto na “carteira”

Joana Alves, 11º B

Os anúncios rodeiam a nossa existência e impõem-se. Muitas vezes, nem nos apercebemos deles até estarmos a comprar umas novas e caríssimas botas das quais não precisamos ou a comer um “delicioso e refrescante” gelado que nem nos apetecia, mas do qual vimos uma imagem fabulosa quando fazíamos uma pesquisa na internet (que por acaso não estava nada relacionada com gastronomia).

A meu ver, a publicidade é algo que pode ser necessário. É graças a esta que estamos sempre informados das mais recentes novidades, no mundo automóvel, tecnológico, da moda, entre outros. Assim sendo, vivermos numa sociedade em que há publicidade em todos os táxis e/ou autocarros pode ser-nos útil, o que é, à partida, algo com que grande parte dos portugueses concorda.

Mas será bem assim? Atualmente, todos os pais, avós, tios, se fariam de trabalhar para poder dar aos que lhes são mais queridos a nova tecnologia ou peça de moda que eles mais desejam. Isto acontece porque, atualmente, aquilo a que se faz mais publicidade são

os telemóveis mais caros que a renda de muitas pessoas e malas com preços mais elevados que o ordenado mínimo. Mas, mesmo assim, é o que todos querem.

O maior problema de todos é que não nos apercebemos da influência desta propaganda em nós. Involuntariamente, após ver uma novela ou ler uma simples revista, somos bombardeados com desejo de querer adquirir os vários produtos mencionados. O novo champô usado pela atriz favorita da nossa novela predileta, a base anunciada na mais famosa revista que nos deixa uma pele perfeita numa só passagem. Tudo isto se resume numa simples palavra: consumismo.

Somos reféns das nossas escolhas e, mesmo que queiramos, a publicidade não nos deixa ter uma ideia própria e impede-nos de decidirmos por nós próprios o que queremos comprar, quando e onde, aliciando-nos com letras enormes, tendo a certeza de que aqueles mais míopes reconhecem o produto e conseguem ver as promoções, com os seus slogans que ficam permanentemente gravados no nosso cérebro.

Em cada esquina, um apelo

Nos dias de hoje, há publicidade em cada esquina. Seja na televisão, na rádio, no jornal, ou, até mesmo, nas paragens de autocarro ou nos postes de eletricidade espalhados pela rua. Estes anúncios vão desde o novo carro que saiu para o mercado até à telenovela que estreou na “TVI”.

Os temas variam muito, mas, a maior parte das vezes, dizem todos o mesmo: “Adira e não se vai arrepender”, “Uma experiência inovadora”, “Se comprar já, tem 50% de desconto”, “Se não gostar, devolvemos-lhe o seu dinheiro”.

É sempre a mesma lenga-lenga, na qual o consumidor acredita. Mas, na verdade, se lermos as

letras pequeninas no fundo da folha, aquelas que ninguém lê, apercebemo-nos de que nem tudo é um mar de rosas e o deslumbramento dura pouco tempo.

É o que acontece com as revistas de moda, de que as pessoas gostam porque a capa é muito atraente e a modelo que posou para ela é de meter inveja a muita gente. No entanto, quando folheamos a revista, grande parte do conteúdo são páginas inteiras a divulgar o mais recente perfume da “Carolina Herrera” ou novo rímel da “Maybelline”.

O pior vem quando ligamos a televisão e está a passar publicidade. Para além de, num espaço

Maria Manuel Gorgueira, 11º B

de quinze minutos, o que é considerado uma eternidade para um simples intervalo de um programa, o mesmo anúncio ser apresentado mais de cinco vezes.

É um absurdo o dinheiro gasto pela marca para divulgar o seu produto, juntamente com o facto de o próprio filme não ter cabimento nenhum, quando relacionado com o que se pretende publicitar, acabando por perder o interesse.

Para mim, a quantidade não significa, necessariamente, qualidade. Penso que se pode construir publicidade apelativa e honesta, de forma a guardar a informação na memória de quem quer comprar.

Não comer “gato por lebre”

Guilherme Moraes, 11º B

“I’m loving” o facto de cada vez mais pessoas, seja qual for a sua idade ou sexo, se deixarem levar pela publicidade enganosa e abusiva, seja por aqueles hambúrgueres suculentos do “Mac Donalds” que vemos na televisão ou aqueles asteriscos que descobrimos (depois de muito esforço visual) em todos os anúncios de objetos pagos a prestações.

Todos nós já vimos o famoso anúncio do Big Mac, que passa nas nossas televisões hora sim/hora não, mas quando nos dirigimos ao restaurante, deparamo-nos com um hambúrguer que de “Big” não tem nada; são apenas dois pedaços de carne com cinco centímetros de diâmetro, sobrepostos por duas fatias de pão de seis

centímetros de diâmetro, para ludibriar o consumidor, dando uma ideia de grandeza ao ditado cujo. Convém referir que no anúncio destes hambúrgueres vemos, usualmente, uma modelo “super-skinny”, com umas calças “super-skinny”, um “crop top super-skinny”, para revelar a sua “super-skinny” barriguinha... Não será isto fortemente irónico?

Devo mencionar, ainda, uma outra situação vivenciada por mim e pelo meu pai, em que, após vermos um anúncio televisivo onde o consumidor tinha direito a televisão (cem canais), “internet” e telemóvel, com oferta (supostamente) de gravação automática sete dias por semana, por um preço de vinte e quatro euros e noventa

cêntimos, nos dirigimos, então, à loja da marca para nos informarmos melhor sobre o assunto, pois nem no “site”, nem no próprio anúncio nos davam informação sobre a forma de aderir ao pacote, foi-nos dito que, para usufruir da suposta oferta, teríamos de pagar mensalmente o uso da box (que ficava em mais cinco euros). O pacote inteiro ficaria então a vinte e nove euros e noventa cêntimos/mês. Teríamos ainda de ficar afiliados à marca durante vinte e quatro meses.

Isto tudo mostra que ninguém se deve deixar levar por este tipo de anúncio, lembrando-se que “consumidor atento não compra gato por lebre”.

O homem como produto

Sara Reis, 11º B

Considero que a publicidade exagera no modo como atua sobre as pessoas e nos métodos que utiliza.

Por exemplo, as marcas de roupa usam os produtos que vendem como objeto de publicidade, fazendo dos compradores manequins publicitários “não remunerados”. Tudo o que vemos e tocamos tem como forma de identificação uma marca que, por sua vez, se publicita.

Ironicamente, muitas vezes, sobretudo entre os jovens, critica-se os que se recusam a fazer propaganda grátis, não usando roupa com a marca explícita.

Isto leva-nos a pensar que trabalhamos em função de publicitar as marcas sem ao menos exigirmos algo em troca, e sem sermos pagos pela ajuda que fornecemos como fonte de publicidade. Deste modo, a publicidade chega ao seu extre-

mo, pois não basta um simples anúncio publicitário ou um simples cartaz de rua: ela materializa as pessoas para atingir os seus fins.

Assim, penso que neste aspeto a publicidade é algo negativo. Porém, pode ter um efeito favorável, pois leva até às pessoas novidades recentes e modernas, agradando assim a todos.

... distinguir

Alfabetismo

Beatriz Coelho e Marta Marques, 7ºB

Por analfabetismo entende-se, globalmente, o desconhecimento da escrita e da leitura. Segundo os dados dos Censos de 2011, há 5,2% da população portuguesa que é analfabeta, sendo a maior parte do sexo feminino e de acordo com um estudo feito em novembro de 2014, o número de analfabetos em Portugal diminuiu para metade nos últimos 50 anos. Estas parecem ser notícias positivas,

mas, como ser analfabeto tem grandes consequências na vida das pessoas, ainda que o número tenha diminuído, a situação é ainda preocupante, até porque o analfabetismo não se circunscreve hoje apenas á capacidade de saber ler e escrever.

Uma das limitações que os analfabetos sofrem é, desde logo, por exemplo, arranjar emprego, pois, se para quem tem estudos, por vezes, torna-

se difícil trabalhar na sua área, imagine-se para quem não os tem. Além disso, uma pessoa analfabeta pode trabalhar, mas não tem um papel tão ativo no desenvolvimento económico e intelectual de um país. Outra limitação é a dependência que sentem em relação aos outros, nas situações mais elementares do seu quotidiano, como e no facto de o seu acesso à cultura e informação ter de se limitar

apo que ouvem na televisão, rádio e aos outros. Para os pais, por exemplo, torna-se complicado não poderem acompanhar o percurso escolar dos filhos. Além disso, vivem permanentemente a frustração e constrangimento de ter de pedir aos outros para lerem ou escreverem algo pessoal, como uma carta, mensagem.

Claro que, na maior parte dos casos, isto não é da responsabilidade dos próprios, mas da falta de condições que os impediram de frequentar a escola. Muitos destes devido à necessidade que sentiam de saber ler e escrever, aproveitaram a oportunidade que lhes foi dada frequentando os cursos de alfabetização de adultos que foram criados. Mas ser analfabeto resulta, noutros casos, da falta de vontade, pois há pessoas que não querem aprender e desperdiçam, assim, uma oportunidade de ter uma vida com mais possibilidades de escolha, mais livre.

Embora as pessoas achem que o único analfabetismo que existe é não saber ler nem escrever, existem outros tipos de analfabetismo que também dificultam muito a vida às pessoas na sociedade contemporânea: o analfabetismo agrícola (não compreender informações sobre a agricultura), informático (falta de capacidade para usar a tecnologia), crítico (não ter capacidade para avaliar criticamente as situações), cultural (ter pouca ou nenhuma informação cultural), ecológico (incapacidade de compreender que somos totalmente dependentes da Terra), emocional (não compreender os sentimentos), financeiro (incapacidade para compreender as finanças, o que conduz por vezes ao gasto de dinheiro de forma irregular), informacional (não compreender o conhecimento, as informações recebidas), visual (não conseguir compreender informações visuais), numérico (incapacidade de fazer cálculos), racial (incapaz de compreender as questões relacionadas como racismo), científico (não ter a capacidade de compreender questões relacionadas com a ciência), estatístico (não conseguir entender estatísticas) e tecnológico (não compreender nem usar a tecnologia).

Assim, podemos destacar alguns que consideramos mais gerais e fundamentais na sociedade atual. Ser analfabeto em termos emocionais é não conseguir compreender os nossos próprios sentimentos, nem os dos outros. Por vezes não compreende que se está a comportar de forma irregular, devido à raiva, ou stress. Estas pessoas que não sabem compreender as emoções, não as conseguem expressar e por vezes, podem ficar mal, por não conversarem com ninguém sobre eles. Sendo a vida do homem preenchida por muitos contactos com os outros, este analfabetismo pode prejudicar fortemente essa vida. Também o analfabetismo racial, que existe quando as pessoas não têm a capacidade de compreender as questões relacionadas com a raça e o racismo, que têm crenças incorretas ou generalizadas sobre raças, o que pode levar a conflitos e desrespeito pela igualdade de direitos que todos os seres humanos têm.

O analfabetismo funcional também deve ser combatido por impedir que o homem complete as tarefas de que necessita. Este existe quando as pessoas conseguem ler ou ouvir as palavras e compreender os seus significados, mas não conseguem compreender o significado da frase como um todo e não se apercebem que têm uma perceção errada da mesma. O mesmo acontece na leitura de tabelas e quadros, como horários de autocarros, por exemplo. Estimativas revelam que 20% dos adultos são analfabetos em termos funcionais.

Finalmente, sendo esta sociedade marcada por uma forte componente tecnológica, ser analfabeto nesta área implica não conseguir aceder a muitas oportunidades e informações que através dela surgem. Concluindo, verifica-se, então, que o avanço da sociedade criou exigências ao ser humano e que a estagnação deste pode torna-lo analfabeto, embora não tenha consciência disso.



... se identificar

Não lugares

Luísa Diz Lopes

Os diversos espaços que ocupamos, por breves instantes ou por períodos mais longos, não estabelecem o mesmo tipo de relação connosco. Nem todos podem ser considerados lugares nas nossas vidas. Existem alguns nos quais estamos, mas dos quais não sentimos a falta quando não os temos nem os distinguimos bem de outros idênticos que existem noutra cidade ou país. Quando pensamos numa paragem de autocarro, por exemplo, não poderá ela estar localizada em qualquer lugar? Pensamos não numa específica, mas no conceito e nas suas características genéricas, de acordo com o nosso conhecimento da mesma. Bem diferente da memória da casa, na qual vivemos e cuja existência se relaciona com a nossa. Isto mostra que faz sentido distinguir um lugar de um não lugar.

Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês, autor do livro “Não lugares: introdução a uma antropologia da modernidade” introduziu o conceito de “não lugar” para designar os espaços que, num determinado momento, não estabelecem relações próximas com as pessoas, ainda que estas possam ter existido no passado ou venham a existir no futuro. Distingue-se, por esse motivo, do lugar. Este é identitário, relacional e histórico, uma vez que permite, respetivamente, a relação de cada um consigo próprio, de cada um com os outros e de cada um com a história coletiva que une uma comunidade. Pelo contrário, um não lugar é não identitário, não relacional e não histórico. É caracterizado sobretudo pela uniformidade, já que é um espaço semelhante a muitos outros e, portanto, despersonalizado. Facilita a circulação, o consumo e a comunicação. São, portanto, associados ao transitório, à passagem. Pode, assim, dizer-se os não lugares são locais de passagem, enquanto os lugares são espaços para estar e ser.

Neste sentido, paragens de autocarro, estações de comboio, aeroportos, estradas são espaços onde se passa apenas porque eles fazem parte do trajeto necessário à concretização de um objetivo. São um meio necessário para se chegar a um determinado destino. São espaços uniformizados que permi-

tem que o homem identifique facilmente os elementos que lhe permitem cumprir o seu propósito: horários, validação de bilhetes, portagens, sinalética. Entre as pessoas e esses espaços não se estabelece mais do que uma relação contratual, distante, não há sentimento de pertença, ainda que se possa sentir, por vezes, alguma nostalgia relativamente a momentos neles vividos. No entanto, neste caso, a relação nostálgica não se estabelece com esses espaços, mas com aquilo que eles potenciaram: não se sente saudades do aeroporto X ou Y, mas da viagem ou destino para o qual ele foi ponto de



lugar ou não lugar eis a questão

partida. Para estes espaços, o ser humano é um utilizador, sendo irrelevantes as características que individualizam cada um dos seres que neles passam. Nestes espaços, os seres coabitam, mas não estão verdadeiramente ligados a outros seres. Tudo é passageiro e efêmero. Neles os laços sociais dissolvem-se em vez de se consolidarem. São, por isso, “os espaços dos outros sem a presença dos outros”, como refere Augé.

Pelo contrário, um lugar é um espaço que acolhe cada ser como único, porque nele são fundamentais as características que individualizam um ser humano em relação a outro. Existe uma relação de pertença e permanência entre o indivíduo e o espaço em que ele está e, por isso, esse é um lugar, o seu lugar. Podem, então, ser considerados lugares os espaços de trabalho, no qual se estabelecem relações sociais mais ou menos fortes com quem partilha esse espaço, ou as casas habitadas, com as quais se estabelece uma relação identitária. Repare-se na diferença entre a relação que se estabelece com a casa em que se habita – a arrumação, a decoração, o descanso, os encontros – e aquela que se estabelece com, por exemplo, um

supermercado – seleção de produtos, circulação habitualmente solitária, consulta de máquinas para saber peso, preço, contacto distante com a funcionária da caixa (noutros casos, esta também já foi substituída por uma máquina, o que aumenta a ideia de solidão e de vazio do espaço), pagamento (frequentemente através de um cartão). É fácil perceber a diferença entre eles e constatar que os “não lugares” ocupam muito tempo na vida do ser humano, talvez demasiado. Seria diferente nas antigas mercearias, onde cada visita poderia conduzir a um estreitar de relações que permitiria que se desenvolvesse uma relação identitária com o espaço e o dono do mesmo, que invariavelmente se encontrava nele para receber cada um dos seus clientes, que ele conhecia bem e, por isso, não eram indivíduos indiferenciados.

Isto conduz-nos à evolução das próprias cidades ou dos espaços nelas existentes. Quantas não perdem a sua identidade ao serem modernizadas segundo padrões que lhes são estranhos? Por isso, temos a sensação curiosa de “dejá-vue” quando visitamos cidades que à partida seriam diferentes, mas que têm ruas, passeios, praças iguais.

Paralelamente, a destruição de traços identitários de uma cidade provoca uma sensação de estranheza e conduz à não identificação do cidadão com esse espaço, do qual pode gradualmente, afastar-se. Isto acontece também quando os espaços antigos que as individualizavam vão progressivamente fechando dando lugar a réplicas: centros comerciais, cadeias de lojas, gabinetes, edifícios.

Ainda assim, apesar dos aspetos negativos que parecem caracterizar esses “não lugares”, a verdade é que eles podem proporcionar momentos agradáveis resultantes exatamente de duas das suas características fulcrais: despersonalização e uniformização. É a calma que uma longa viagem de comboio pode permitir ou o desafio do hotel distante ou apenas o prazer de uma longa caminhada nas ruas de uma cidade desconhecida, durante a qual “a solidão no meio de tanta gente” não é angustiante. O que significa que eles são essenciais numa sociedade e isso não se deve apenas ao facto de serem espaços de consumo, comunicação e circulação, três aspetos associadas aos não lugares e essenciais na sociedade contemporânea. Deve-se, também, ao facto de o

ser humano sentir necessidade deles e ter criado um parâmetro de vida que os inclui.

Aliás, neste sentido, a evolução e crescimento dos não lugares reflete as tendências da sociedade em que eles existem e que tem como necessidades fortes a rápida mobilidade e consumo. A sua existência responde, portanto, à vontade do ser humano, procurando facilitar a sua vida. Ganha-se tempo, mas perde-se espaço. Como uma moeda, também esta evolução tem “cara” e “coroa”. Talvez fosse importante aproximar mais estas duas faces.

Nota final: Um agradecimento a Vítor Tavares, que dinamizou um workshop em Bragança sobre o conceito de lugar e de não lugar e me despertou para este tema.

... querer viver

Eutanásia: o direito de escolher

Marta Genésio,

A expressão eutanásia remete para ‘boa morte’, ou seja, uma morte sem dor ou sofrimento, que tem como objetivo, portanto, reduzir o tempo de vida de um paciente, através do controle de um médico orientado neste sentido.

O significado literal do termo capta um importante aspeto: a morte que dela resulta é para benefício do paciente. Podemos, então, dizer que a eutanásia consiste em produzir ou acelerar intencionalmente a morte de alguém para seu benefício.

Esta questão envolve princípios morais e éticos, que têm como centro da questão a existência humana que está intrinsecamente ligada à questão da dignidade humana.

A eutanásia é hoje dividida em várias categorias, correspondentes aos diversos tipos de ação: a ativa, na qual há a intenção de causar a morte para aliviar a dor do paciente; a passiva, quando a pessoa em estado terminal morre por carência de cuidados médicos.

Quanto à aceitação do paciente, a eutanásia também pode ser classificada como voluntária e involuntária. Voluntariamente, um paciente em estado terminal ou irreversível pode desejar que a própria vida acabe, no caso de se ver numa situação em que, embora sofrendo de um estado incurável e doloroso, a doença ou um acidente lhe tenha tirado todas as suas capacidades racionais. A eutanásia involuntária acontece quando a pessoa a quem se retira a vida não pode escolher entre a vida e a morte para si, como é o exemplo de um recém-nascido irremediavelmente doente ou incapacitado, uma pessoa que fica incapacitada devido a uma doença ou acidente, sem que essa pessoa tenha previamente indicado se sob certas circunstâncias quereria ou não praticar a eutanásia. Nestes casos existe a aprovação da família ou dos indivíduos responsáveis pelo mesmo.

De qualquer forma, a eutanásia só é realizada quando o paciente se encontra com uma do-

ença crónica, sem cura, geralmente envolvendo intenso sofrimento físico e mental.

Embora possam parecer a mesma coisa, eutanásia e ‘suicídio assistido’ são diferentes, pois, neste último caso, é o próprio paciente que causa a sua morte, mesmo que para alcançar esse objetivo tenha que recorrer ao auxílio de outras pessoas.

Se depende da vontade do indivíduo, por que razão este tema causa tanta polémica? Numa extremidade da questão, temos questões religiosas. Nesta perspectiva defende-se que uma boa morte ocorre não na esfera orgânica, mas sim quando a pessoa está espiritualmente pronta para seguir o caminho que a conduzirá a Deus. Este valoriza o sofrimento e prega que a dor pode ser um meio de se alcançar a redenção, quando acompanhada da devida resignação. A doutrina cristã afirma que no sofrimento, o Homem se iguala a Cristo, sendo aconselhável evitar o uso excessivo de analgésicos, para de livre e espontânea vontade

partilhar as dores de Jesus na Cruz. Além deste argumento de cariz religioso “Só Deus tem o direito de tirar a vida”, também o Código Deontológico dos Médicos contraria a eutanásia, já que estes têm o dever de defender a vida.

Na outra extremidade, temos a legitimidade de ajudar alguém a morrer para diminuir o seu sofrimento?”. A prolongação da vida de um ser humano cheio de sofrimento não deveria acontecer, pois a sobrevivência biológica não deve sobrepor-se à personalidade, dignidade, bem-estar e autonomia. Quando uma pessoa passa a ser prisioneira do seu corpo, dependente na satisfação das necessidades mais básicas, com medo de ficar só, de ser um “fardo”, a revolta e a vontade de dizer “Não” ao novo estatuto levam-no a pedir o direito a morrer com dignidade. Teremos nós autoridade suficiente para lhe negar um direito básico como a dignidade? Como a liberdade? Os avanços tecnológicos que permitem curar um

paciente não devem também ser usados para o ajudar a pôr fim ao seu sofrimento?

Esta temática já foi abordada pelo cinema, por exemplo, no filme espanhol “Mar adentro”, que é baseado em eventos da vida real e relata a história de Ramón Sampedro, um marinheiro que ficou tetraplégico após um acidente de mergulho e que mostra a sua luta pelo direito de se salvar. É ele que diz que viver é um direito e não uma obrigação, como no seu caso. Ramón não queria impor as suas crenças a ninguém, apenas queria exercer o direito de propriedade sobre o seu próprio corpo, e dele dispor se assim o desejasse.

A eutanásia é um assunto delicado relativamente ao qual a nossa opinião e convicções podem mudar no momento em que estivermos diretamente envolvidos. Até que ponto valores éticos, morais e religiosos deverão influenciar a manutenção da “vida” de um paciente de quadro irreversível?



“Mar adentro” é um filme de Alejandro Amenabar, no qual o protagonista, Ramón Sampedro, interpretado por Javier Bardem, luta para lhe concederem um direito que ele considera seu: o de escolher morrer, face à situação de dependência em que se encontra após um acidente, que o deixou tetraplégico.

... acreditar

Eu não creio... eu desconfio...

Anibal Fernandes, 10°C,

São muitas as formas de exprimir a descrença. Seja por atos ou manifestação de opiniões e perceções sobre o mundo, é frequente o Homem mostrar-se pessimista, cético ou ateu.

O pessimista é aquele que não acredita em si mesmo nem tem expectativas de vida. Aquele que vê o lado negativo, o pior lado da situação. Este pessimismo pode vir de fatores genéticos, sociais, ou outros alheios à pessoa, e podem haver fatores que tornem uma

pessoa menos ou mais pessimista. O pessimismo pode levar: ao insucesso pois a pessoa não acredita que consegue ser bem sucedida; à desmotivação pois a pessoa deixa de acreditar em si mesma; estas pessoas acabam por se tornar numas “sanguesugas” de felicidade e de esperança, pois parece que vivem num mundo que irá acabar amanhã.

O pessimista vê na vida apenas cinzento e preto, pois vê um mundo só de sombras, não acredita num mundo melhor e tem grande dificuldade

em ver o lado positivo. Pode ser egocêntrico pois não vê a vida que está a sua volta.

O cético é aquele que duvida de tudo e não acredita em nada a não ser que esteja mais do que cientificamente provado. Tem uma dúvida constante, nunca está esclarecido sobre nada e quer sempre respostas sobre tudo. O ceticismo, visto de um ponto filosófico, é positivo pois é o que alimenta a filosofia já que esta alimenta-se da dúvida constante. Também te-

mos um “pseudo-ceticismo” que é aquele que não leva a lado nenhum, pois é uma dúvida sem razão. Mas o ceticismo do ponto de vista social torna-se, muitas vezes, aborrecido ou, em casos extremos, irritante pois chega a um ponto em que uma pessoa já não têm respostas plausíveis para ele.

Podemos considerar, ainda, o ceticismo religioso que, na maioria das vezes, se torna ateísmo pois a pessoa duvida tanto da existência de Deus que acaba por negar a Sua

existência. Dentro do ateísmo, temos as religiões ateístas, como o Budismo, que defendem a não existência de Deus, mas sim a de algo transcendente como a alma, também chamado de ateísmo imaterial. O ateísmo mais puro, o ateísmo material, são as pessoas que não têm nenhum tipo de crença religiosa, talvez por motivos pessoais ou famílias de pouca vivência religiosa, e que apenas acreditam em algo que esteja provado irrefutavelmente, é o ceticismo religioso no seu extremo.

Para concluir, podemos dizer que há várias formas de descrença, e que a mais generalista é o ceticismo, que pode manifestar-se como pessimismo (um ceticismo de vida) e ateísmo (ceticismo religiosos) entre outros; e que este pode ser positivo (de um ponto de vista filosófico) ou negativo (pessimismo).

... pensar



Como não se tornar uma anémoma

Guilherme Moreira, 11ºB

Pensar, ou pelo menos, pensar bem, requer esforço, trabalho e tempo, que muitos de nós (estudantes) não estamos dispostos a usar. Os mais persistentes negam certos privilégios com o intuito de fortalecer os seus estudos, os restantes seguem o conhecido caminho do menor esforço.

Por exemplo, em dada ocasião, com o intuito de realizar um trabalho, recorre-se à internet. Eis que se encontra uma página com a informação de que se necessita. Tentador, certo? O primeiro instinto é copiar o parágrafo em causa, esperando que o professor não descubra o pequeno crime, plágio. O problema é que existe um vasto leque de ferramentas que permite comparar trabalhos com a informação na rede, apontando para semelhanças a páginas já existentes sendo, por isso, o delito descoberto. Quer por medo quer por dever moral descarta-se a hipótese de apropriação do trabalho de outro. Recusa-se, portanto, o ato fácil de não pensar e opta-se por desenvolver um pouco mais os neurónios que foram dados ao homem.

Resolvido o primeiro problema, passemos ao segundo: além da cópia, existe a falta de cruzamento de fontes, ou seja, avaliar se determinados factos são verdade ou não. A wikipédia é, por norma, a bíblia perfeita dos estudantes. Mas é assim tão fiável? Qualquer indivíduo pode editar este sítio, devido ao facto de se tratar de uma “enciclopédia livre”. Claro que quem copia não é a única pessoa mal-intencionada

neste campo, certas pessoas divertem-se a espalhar gralhas e incorreções por diversas páginas da internet, é uma espécie de vandalismo virtual. O único modo de validarmos um facto é através do cruzamento de fontes, da validade das mesmas, procurando as mais credíveis e atuais e comparando se determinado facto está presente em múltiplas páginas fiáveis. Dá trabalho e consome tempo, mas é a única garantia de que se consegue fazer um trabalho com qualidade.

Noutro contexto, relativamente aos meios de comunicação, cada um gosta de se manter informado acerca da atualidade. Na televisão e nos jornais, além dos blocos noticiosos, existe sempre um espaço destinado a comentadores, onde são apresentadas e discutidas as notícias mais importantes do dia/semana, relacionando-as frequentemente com factos políticos e históricos. É de frisar que são efetivamente simpáticos ao pouparem-nos o trabalho de

“(os comentadores) é de frisar que são efetivamente simpáticos ao pouparem-nos o trabalho de pensar e relacionar, apontando-nos as notícias mais relevantes e, de forma intencional ou não, estes acabam por manipular o leitor segundo determinadas correntes de pensamento, moldando a opinião consoante o seu ponto de vista”

pensar e relacionar, apontando-nos as notícias mais relevantes e, de forma intencional ou não, estes acabam por manipular o leitor segundo determinadas correntes de pensamento, moldando a opinião consoante o seu ponto de vista. Apresentam a sua interpretação, ou a

mais conveniente para os seus interesses, procurando criar um movimento de adesão a determinadas ideias. Têm ainda a gentileza de desvalorizar certas notícias que poderiam contradizer factos afirmados. Reformulando, supondo que sai uma determinada notícia que contradiz determinado facto defendido pelos comentadores,

O único modo de validarmos um facto é através do cruzamento de fontes, da validade das mesmas, procurando as mais credíveis e atuais e comparando se determinado facto está presente em múltiplas páginas fiáveis. Dá trabalho e consome tempo, mas é a única garantia de que se consegue fazer um trabalho com qualidade.

por vezes, estes ignoram a sua existência, manipulando os leitores pelo princípio da ignorância. A solução é a leitura de diversos espaços de opiniões (de preferência que pertençam a comentadores com correntes de pensamento opostas) permitindo a exposição da mesma notícia sob diferentes perspetivas, permitindo deste modo, formular devidamente

uma opinião. Para não correr este risco, podemos afastar-nos destes espaços de opinião, de forma radical. Caso contrário, surge uma geração de pessoas com opinião (de)formada, e baseada no (des)conhecimento. A vida em sociedade requer pensamento, raciocínio, espíri-

to crítico e trabalho. Ao exercer o direito ao voto ou no âmbito comercial, cada indivíduo deve ter a sua própria avaliação pois só esta pode satisfazer os seus interesses. A compra de um artigo deve ser precedida de uma avaliação de outras propostas existentes no mercado, ou poderemos ser enganados. O mesmo acontece a nível das

eleições, cada indivíduo deve reger-se pela sua própria interpretação das notícias não por opiniões de certos comentadores políticos.

Ao nível da literatura as consequências da falta de pensamento já foram relatadas, ainda que em ficção. Obras como “1984” de George Orwell e “Admirável mundo novo” de Aldous Huxley apresentam um futuro alternativo em que o governo tem poder total sobre a população uma vez que a vasta maioria se recusa a usar as celulazinhas cinzentas que possuem. A ausência de pensamento implica a ausência de liberdade.

Em suma, apesar de pensar poder ser um trabalho árduo e exaustivo, apenas este garante uma via correta de estudo e a satisfação dos nossos interesses, contrariando, assim, uma tendência básica do homem, a economia de esforço.



O título da obra (“Por favor não matem a cotovia”) é inicialmente referido na ação da obra quando Atticus Finch, pai da protagonista, oferece a ela e ao seu irmão duas espingardas de pressão de ar, pedindo-lhes que não matem cotovias. Esse é o único momento em que o título da obra se relaciona com a ação da mesma de forma literal. Contudo, “Por favor não matem a cotovia” constitui uma metáfora em que a cotovia representa o homem de cor que foi falsamente acusado. Caso este homem morra, também o seu significado morre, ou seja, os direitos de igualdade para o ser humano.

Por outro lado, a protagonista, Scout Finch, é uma menina que apenas presta atenção à importância do julgamento do homem negro perto do final da ação da obra. Como personagem principal, ela interage com a maioria das personagens, principalmente com o seu pai, o seu irmão e com a criada que, ao longo da ação da obra, passa a respeitar e a considerar como membro da família. Seu pai, Atticus, como um homem justo e razoável, é por vezes levado a reconsiderar as suas ações graças à intervenção de Scout. Quanto ao seu irmão, a protagonista consegue revelar a bondade e inocência no interior dele, acalmado-o durante as suas crises de adolescência. Por outro lado, também é causadora de conflitos com o seu irmão e com a sua criada, devido às diferentes perspetivas que adotam em certas situações.

Para concluir, achei fascinante a forma como a autora da obra abordou um tema, infelizmente, ainda existente na sociedade atual, sendo ele o racismo.

Francisco Gonçalves 12ºB

Prioridades

Bruno Gomes, 11ºB

O mundo em que vivemos está a evoluir tecnologicamente a uma velocidade estonteante. Através da televisão e da internet (entre outros), a informação está, decerto, mais perto de nós. Outro facto é que a quantidade de informação disponível é enorme. Basta olharmos para esta gigante rede, a que cada vez mais pessoas têm acesso. Mas, neste mar de informação, como podemos nós distinguir o verdadeiro do

falso?

As notícias relevantes passaram a ser aquelas que o povo queria ver/ler (o que poderá abrir uma discussão acerca do valor da nossa sociedade), e não o que contribui para o desenvolvimento do ser humano e para a expansão da sua cultura geral.

Este Verão, por exemplo, realizou-se em Portugal tanto o Campeonato da Europa

de Basquetebol como o de Hóquei, em sub-16 e sub-17, respetivamente, onde as portuguesas alcançaram o segundo lugar e os rapazes se sagraram campeões. No mesmo espaço temporal, os noticiários portugueses deram, diariamente, vinte minutos aos rumores das mensagens de Jorge Jesus, o que nem desporto é, em detrimento de duas competições continentais.

Por tudo isto, penso que a

qualidade da informação vai continuar a diminuir, chegando a um ponto em que não há possibilidade de recuperação. Se é que esse limite não foi já alcançado.